

**UNIVERSIDADE TIRADENTES**

**SEXUALIDADE E RELIGIÃO: a questão da homossexualidade**

**PRÓPRIÁ/SE  
2012**

GLÍCIA DE CÁSSIA DOS SANTOS  
LAERTES NASCIMENTO SANTOS  
MARCELINE CRISTINE ALVES HILÁRIO SANTOS

**SEXUALIDADE E RELIGIÃO:** a questão da homossexualidade

Trabalho de Conclusão apresentado à  
Universidade Tiradentes como um dos pré-  
requisitos para a obtenção do grau de Bacharel  
em Serviço Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Esp. Maria da Conceição  
Souza Mendonça

GLÍCIA DE CÁSSIA DOS SANTOS  
LAERTES NASCIMENTO SANTOS  
MARCELINE CRISTINE ALVES HILÁRIO SANTOS

## **SEXUALIDADE E RELIGIÃO:** a questão da homossexualidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Tiradentes – UNIT, como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
Bacharel em Assistente Social.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Esp. Maria da Conceição Souza Mendonça  
Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Msc. Patrícia dos Santos Silva  
Examinadora

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Jesana Batista  
Universidade Tiradentes

## AGRADECIMENTOS

*AURÉLIO define AGRADECER da seguinte forma: 1. Mostrar-se grato por: Agradeceu a gentileza. 2. Demonstrar gratidão: agradeceu ao amigo à consideração. Int. 3. Demonstrar gratidão. [verbo agradecer] (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; ano. 2001; p.24.)*

Finalmente é chegado o momento de agradecer pelo término dessa jornada, acreditando que este não é o último degrau a ser subido, mas que haverá, sim, outros, tantos outros que dependerá só de me superá-los, cada um há seu tempo. No entanto, é com o coração cheio de gratidão que aqui destaco de maneira muito especial algumas pessoas que encontrei ao longo dessa minha vida, que entrelaçadas passaram a fazer parte de mim e que levarei sempre comigo em um lugarzinho muito especial.

Em primeiro lugar quero agradecer Àquele que era, é, e que há de vir, louvores, honras e glória sejam dadas a Te neste e em todo momento. Ao meu amado e querido mestre **JESUS CRISTO**, Aquele que ergue-me todo dia para vencer.... Obrigada **JESUS!** Pelo dom da vida, inteligência, perseverança e a força para jamais desistir, confesso sem Ti nada poderia ser ou ter. Obrigada, por realizar em mim o mais lindo sonho, ou seja, o “**Serviço Social**”....

Aos meus pais **José e Jizélia** que foram primordiais para o meu crescimento e tornar-me o que hoje reconheço ser, a vocês dedico este momento que para me é tão especial, a realização deste sonho. Em especial a você “**MÃE**” por todo amor, compreensão, paciência, dedicação, ensinamentos, pelo apoio, stress, pelas noites e dias de angústias; as quais dividiu comigo, sempre me dando força para continuar, confesso foi árduo, mas enfim posso dizer que finalmente consegui. Valeu Mãe por tudo.

Aos meus amados irmãos **JICÉLIA, MARAÍSA e JÚNIOR**, pelas risadas, brigas, dedicação, carinho, proteção e principalmente pelo amor que me dedicam dia após dia, meninas e menino vocês são simplesmente demais, me levantam e encorajam todo dia, confesso que algumas vezes no longo caminho foram vocês que me deram ânimo e força para continuar. Saiba que entre vocês não existe distinção. **AMO VOCÊS.**

Aos meus sobrinhos **PEDRO e MILLY**, pelas orações, carinho, risadas, confusões, stress e principalmente pelo amor sincero e verdadeiro a me dedicado, vocês meus amores, são essências a minha vida.

Aos meus familiares **paternos e maternos**, pelo incentivo, torcida, orações, pela amizade e principalmente por acreditarem em mim a todo o momento. A **MARIA CUSTÓDIO**, pelo amor, dedicação, carinho, incentivo e por acreditar que eu conseguiria “sim” alcançar este sonho, **VÓ**, obrigada por tudo. **AMO-TE.**

Aos meus cunhados **ALBERTINO e GLEDSON** pelo respeito, amizade, companheirismo, compreensão, dedicação, carinho entre tantas experiências que vividas serão simplesmente inesquecíveis. Obrigada por tudo.

Aos meus **MESTRES**, em especial **PATRÍCIA, CONCEIÇÃO, JESANA, E PRISCYLLA**, pelos ensinamentos, amizade, troca de experiências, pelos “puxões de orelhas” que foram fundamentais para o meu crescimento pessoal e profissional. Enfim, a todos que passaram mesmo que por um curto tempo e que me acrescentou muito como pessoa. A cada um meu muito abrigada.

Aos meus **AMIGOS**, os antigos e os recentes, os que vejo todos os dias e também aqueles que raramente encontro, a vocês meu muito obrigada pela amizade comigo dividida, pelas risadas, pela infância, adolescência e juventude, enfim, pela vida dividida. Saibam que sempre me lembrarei de todos os momentos vividos com muita saudade.

Aos meus amigos de hoje **CELI** e **LAERTES**, pela experiência dividida dia após dia, pelo conhecimento apreendido junto, acolhimento, cuidado, carinho, stress, risadas, amizade, entre tantas experiências que vividas deixarão para sempre muita saudade, vocês foram **ESSENCIAIS** ao longo dessa trajetória, nem o tempo ou até mesmo a distância será capaz de apagar o que sinto por vocês.

Em especial a **JADERSON DANTAS**, que foi muito importante em várias etapas da minha vida, a você meu amigo que muitas vezes no caminho ajudou-me em muitas das minhas aflições, chegou em meio a tempestade, trazendo-me muita calma, sua estadia aqui foi curta porém muito feliz. A você agradeço pela amizade, preocupação, orações e carinho dedicado a mim. Amigo você foi enviado por Deus no momento exato, sou muito grata a Ele por ter colocado você em minha vida.

A alguém a quem aqui denominarei “**ALVES**”, pela força, compreensão, carinho, dedicação, descontração, pela longa espera, pelos stress e principalmente por todo amor a mim dedicado. Menino, como você mesmo diz: já sou uma “doutora”. Kkk... Queria aqui expressar a minha eterna gratidão e assim reforçar mais uma vez o que já sabe. **TE AMO MUITO**

Acreditaram que esqueceria vocês? A **CÍCERO** (popularmente conhecido por Coco) e a galera do **Ônibus**, pela amizade construída ao longo desse curto tempo, pelas risadas, reclamações, confinamentos. Principalmente a você **COCO**, pela paciência de nos aguentar ao longo desses anos. Confesso que essa galera é simplesmente demais, sentirei saudades. Obrigada por tudo.

Enfim, a todos aqueles que fazem parte da minha vida, obrigada por tudo que me proporcionaram, que juntamente com a bagagem que trazia me fez valorizar cada momento e cada pessoa que encontrei ao longo do caminho, que eternizadas levarei sempre aqui num

lugar muito especial. Vocês que fizeram e fazem parte da minha humilde existência: a minha eterna **GRATIDÃO!**

Glícia de Cássia dos Santos

## AGRADECIMENTOS

*“Não tenho palavras para agradecer Sua bondade, dia após dia me cercas com fidelidade. Nunca me deixes esquecer que tudo que tenho, tudo o que sou, o que vier a ser vem de Ti Senhor.”* (Trecho da música “Vem de Ti”, Composição Ana Paula Valadão)

No princípio Deus, mas, é difícil encontrar as palavras adequadas para agradecer-Lo, pois para mim o Teu amor é imensurável e o Senhor é indescritível, por Tua causa cheguei até aqui e por Tua causa prosseguirei porque sei que todas as situações acontecem com um propósito e nesta área profissional de minha vida quero ser um instrumento usado em Tuas mãos.

Aos meus pais Leila e Givanci, agradeço pelo investimento, temos um jeito diferente de amar e demonstrar esse amor, também não somos uma família perfeita, mas somos uma família e eu os agradeço e quero honra-los por isso. Aos meus queridos irmãos Gilvan e Gizelle por serem muito melhores que eu, espero ser um excelente tio para os filhos que vierem a ter.

Ao meu amado Pa(i)stor Ronalson e sua esposa Ivânia, a Congregação Batista de Japoatã e aos meus queridos jovens que formam o “Não Morda a Maçã” e o “Ministério de Louvor Quebrando Correntes”, destacando aqui meu amigo e violonista Vitor, por sempre estarem orando por mim, tenho certeza que o que me faz mais forte são as suas orações. Obrigado por me amarem tanto!

Aos meus amigos de perto e de longe: Harry, Antenor Júnior, Edivanio (Jesuíno), Zé Soares, Alisson Silva e Gilson (responsáveis pelas minhas inúmeras mudanças no cabelo), Allisson (meu cunhado cachorro). Obrigado por ficarem na arquibancada torcendo por mim com muita energia, minha vida não seria a mesma sem vocês!



Aos meus amigos de classe, três anos e meio nos aturando, pessoas diferentes umas das outras, mas com um mesmo objetivo. Aqui fiz amigos e inimigos, fiz muita gente rir e magoei muita gente também, agora ficará saudades, ou não. Adalmiro (Mirinho), Adriano (Dih), carregarei vocês para sempre em meu coração!

A Amanda Lima, minha ex-colega de classe, minha eterna amiga. Dois loucos juntos em uma universidade e na mesma sala não daria certo mesmo, o destino achou por bem nos separar, mas só de classe mesmo, porque no coração estamos juntos todos os dias. Lembro-me do quanto aprontamos juntos e das nossas conversas, a mangueira da Unit é nossa testemunha e quase a matamos de câncer no pulmão (risos). Quanta inveja causamos e como fizemos e fazemos alguns arrancarem os cabelos, e vão ficar carecas, porque nada neste mundo pode nos separar. Só para esclarecer: não existe nenhuma barreira religiosa entre a nossa amizade viu? Eu e você juntos para sempre!

As minhas companheiras neste trabalho Glícia de Kássia e Marceline Kristine, abraçaram a ideia, romperam com seus ideais, ultrapassaram junto comigo todos os preconceitos e conviveram também com minhas angústias e aflições, para não dizer, lutaram minha guerra. Obrigado queridas, quero ser padrinho de seus casamentos, comprarei o melhor terno.

Aos meus professores, aprendi com todos, até mesmo com aqueles que eu não gostaria que me ensinassem, fui aluno de vocês e não cliente. Gostaria de destacar aqui alguns deles que me lembrarei com muito carinho: José Ricardo (me deixava nervoso), Nelmiros (a maior incentivadora), Vânia Biriba (minha predileta), Augusto César (o galã), Joaquim (meu amigo “desbocado”), Marta Baptista (adorava o terror que ela causava), Camila (tratava-me muito com ela, a mais linda), Fernanda Nascimento (a que eu amo), Patrícia (a que admiro) e Jesana (a mais fofa).

A orientadora deste trabalho, a Prof<sup>a</sup>. Maria da Conceição, a qual sem a sua paciência este trabalho não seria possível, perdão pelo meu jeito e obrigado pela sinceridade sempre.

Por fim, a Deus mais uma vez, Ele sabe qual o propósito deste trabalho e como Ele é o Alfa e Ômega, princípio e fim, nada mais obrigatório que colocá-Lo no começo e no fim desses agradecimentos e dizer aqui que: eu sempre O escolhi!

Laertes Nascimento Santos

## AGRADECIMENTOS

Agora, antes de qualquer coisa, é tempo de agradecer, AGRADECER a Deus tudo o que tem feito em minha vida e por ter me dado forças de chegar até aqui, estou concluindo, mais uma etapa da minha vida, alias, uma árdua etapa onde passei por inúmeras emoções, alegrias, tristezas e acima de tudo satisfação em estar me formando na mais digna e linda profissão e de me tornar “Assistente Social”.

Tudo isso tenho a agradecer as pessoas mais importantes de minha vida a quem devo tudo que tenho, pois são e sempre será a base perfeita na minha vida; muitíssimo obrigado por vocês existirem. Obrigada minha amada mãe Janicleide Alves, pela sua força e dedicação depositadas em mim, sempre com muito entusiasmo e amor, acreditando que eu sou capaz. A meu estimado pai Geraldo Hilário, que com seu amor sempre me apoiou em tudo, passando-me confiança e alegria. E sem mais ou menos esquecer, agradeço infinitamente a meu irmão Márcio Hilário; parte muito importante na realização desse sonho, mesmo longe sempre se mostrou presente, acreditando e me fortalecendo ainda mais, sem você a minha vida não seria completa, você é parte minha, sangue do meu sangue; e por te tenho um imenso e lindo amor. Família vocês são tudo para mim. Amo vocês hoje e sempre!

Chegamos em... Glícia de Cássia e Laertes Nascimento meus amigos e companheiros. Quantos trampos e barrancos passamos juntos na longa estrada da Universidade, inúmeras foram às vezes que o desespero e a preocupação nos pegaram de jeito, fazendo com que ficássemos apreensivos feito criança com medo, principalmente nessa fase final com o TCC; que fase hein de muitas preocupações e indecisões, mais enfim estamos aqui no último período: a porta de saída da Universidade para uma nova etapa de nossas vidas, agora com muito mais responsabilidade, dignidade, aprendizado e reconhecimento de que somos capazes de fazer tudo o que queremos; basta acreditar. Nunca me esquecerei de

vocês, pois fizeram parte de uma importante fase de minha vida, onde a troca de carinho e amizade entre nós foi de fundamental importância para concretizarmos nossos laços de intimidade mútua e satisfatória. Espero que a amizade prevaleça mesmo com a distância que insiste em nos separar. Amo vocês de paixão e para sempre!

Quero agradecer também a todos os meus colegas de turma pelos momentos de alegria e descontração no decorrer do curso, em especial a Joana Henriqueta, minha amiga de infância e de toda a minha vida. Você com esse seu jeito especial e maluco de ser sempre esteve ao meu lado me apoiando. Sem esquecer, agradeço a todos os mestres que com tanta dedicação nos proporcionaram a oportunidade do conhecimento mútuo e sem limites para nossa formação, nos guiando para um melhor entendimento do que é e o que envolve o Serviço Social, em especial a professora Patrícia Santos, que por vários períodos nos acompanhou e contribuiu muito para a assimilação perfeita da real importância de nossa profissão. Com você Patrícia, aprendi que sempre devemos buscar o melhor, ou seja, ser o melhor do que podemos ser; jamais esquecerei você. Junto com você a professora Jesana Batista que com seu jeito delicado, dedicado e engraçado de ser me proporcionou a busca pelo conhecimento mais prazerosa e alegre; nunca te esquecerei. Agradeço Patrícia e Jesana por serem grandes incentivadoras na construção e elaboração do tema de nossa monografia; sem o apoio, incentivo e credibilidade por vocês depositados em nós esse projeto não seria sido realizado.

Também em especial, melhor dizendo, como prioridade, agradeço imensamente a professora Maria da Conceição Mendonça que mais do que qualquer outro professor nos conhecia bem de mais, pois acompanhou vários períodos ao nosso lado, e com sua dedicação e comprometimento transmitiu o melhor de si; e de seu conhecimento e como orientadora da minha monografia se mostrou ainda mais dedicada na realização de seu papel, com muita paciência e contribuição para a concretização de nosso trabalho, essa vitória também é sua,

melhor, é nossa. Juntos somos responsáveis e colaboradores para o ponta pé inicial do tema na Universidade Tiradentes e assim obteremos o sucesso esperado com o trabalho. Desejo-te tudo de melhor, que Deus ilumine sua vida sempre.

Enfim, terminam aqui minhas palavras e agradecimentos por tudo o que conquistei nessa fase tão especial da minha vida. Inúmeras foram as conquistas; dentre elas a busca pelo conhecimento, os amigos que fiz, as lembranças que jamais serão esquecidas e por fim o Serviço Social que de maneira alguma abandonarei, mas sim, amarei e honrarei para sempre. Eu amo Serviço Social.

Marceline Cristine Alves Hilário Santos

## RESUMO

Sexualidade e religião sempre foram questões que estiveram presentes na história da humanidade, cercada de grandes debates que se alargam no contexto atual, tendo em vista a visibilidade que as relações entre as pessoas do mesmo sexo vêm ganhando na sociedade. A proposta deste estudo nasceu na perspectiva de compreender a percepção que as religiões Católica, Protestante, Espírita e Candomblecista têm a respeito da homossexualidade na cidade de Propriá/SE, tendo em vista as relações entre sexualidade e religião. Tomou-se como metodologia um estudo a nível qualitativo, para tanto se utilizou um roteiro de entrevista com questões abertas aos quatro líderes religiosos, sendo um representante de cada religião. As entrevistas foram gravadas e os dados analisados numa proposta dialética considerando a construção histórica da sexualidade formulada na vida em sociedade, desde o Ocidente ao Oriente, das mais antigas sociedades ao contexto contemporâneo. Partindo do princípio que as relações entre as pessoas do mesmo sexo se determinam em diversas concepções: do mito ao prazer erótico, do sagrado ao profano, da patologia a questão de gênero e identidade sexual. Os resultados indicam que hoje a homossexualidade é uma construção histórica e social, um comportamento definido de homossexualidade envolvendo: sexo, gênero e orientação, referindo-se as pessoas que praticam sexo com as pessoas do mesmo sexo. Sem, contudo, deixar de ser compreendida pelas instituições religiosas como um pecado, um preconceito e uma discriminação que vem evidenciado do ponto de vista dos líderes religiosos que condenam a homossexualidade, justificando-a através da Bíblia, cujo princípio Deus criou o homem e a mulher para procriarem, condenando o pecado. Havendo um preceito de que é possível a cura da alma, na qual há uma possibilidade de transformação indicando que o discurso moral da igreja não desapareceu.

**Palavras-chave:** sexualidade, religião, homossexualidade.

## ABSTRACT

Sexuality and religion have always been issues that have been present in human history, surrounded by great debates that flare in the current context, in view of the visibility that relations between people of the same sex are gaining in society. This study was born from the perspective of understanding the perception that religions Catholic, Protestant, and Spiritist Candomblecista have about homosexuality in the city of Propriá / IF, given the links between sexuality and religion. Was taken as a study methodology qualitatively, was used for both a structured interview with open questions to the four religious leaders, and a representative of each religion. The interviews were recorded and analyzed in a dialectical proposition considering the historical construction of sexuality formulated in society, from the West to the East of the oldest societies in the contemporary context. Assuming that relations between people of the same sex are determined in various designs: from myth to erotic pleasure, the sacred to the profane, the pathology on gender and sexual identity. Results indicate that today homosexuality is a social and historical construction, a set of behavior involving homosexuality: sex, gender and orientation, referring to people who have sex with people of the same sex. Without, however, not be understood by religious institutions as a sin, a prejudice and discrimination that comes evident from the standpoint of religious leaders who condemn homosexuality, justifying it through the Bible, whose beginning God created man and woman to procreate, condemning sin. If there is a rule that you can cure the soul, where there is a possibility of transformation indicating that the moral discourse of the church has not disappeared.

**Keywords:** sexuality, religion, homosexuality.

“A rosa não tem porquês. Ela floresce porque floresce.”

Ângelo Silésius



## LISTA DE SIGLAS

ABGLT - Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis.

CFESS – Conselho Federal Serviço Social.

CNCD - Conselho Nacional de Combate à Discriminação.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros.

PNDH - Programa Nacional de Direitos Humanos.

# SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
2. SEXUALIDADE E RELIGIÃO: CONSTRUÇÃO SÓCIO HISTÓRICA.....	22
2.1 A homossexualidade: formulações da vida em sociedade.....	27
2.2 A Transformação da Concepção de Homossexualidade.....	30
2.3 A Homossexualidade na Contemporaneidade.....	38
2.4 Religião: Um Aspecto da Sociabilidade.....	40
3. HOMOSSEXUALIDADE E RELIGIÃO NA CIDADE DE PROPRIÁ/SE.....	46
3.1 Os Princípios Doutrinários das Religiões: Católica, Protestante, Espírita e Candomblecista sobre a Homossexualidade.....	48
3.2 A Percepção dos Líderes Religiosos sobre a Homossexualidade.....	52
3.3 O papel do Estado e a contribuição do Serviço Social frente à problemática da homofobia.....	65
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	74
APÊNDICE.....	78

# 1. INTRODUÇÃO

Diversos questionamentos, mitos e preconceitos circundam à problemática da sexualidade e da homossexualidade, numa trajetória incutida nas mais antigas sociedades ocidentais e que se fundamentam nas relações e em princípios: ético-morais, biológicos, psicológicos, psicossociais e religiosos. Uma história inscrita pela repressão do direito de liberdade do seu conhecimento, do direito de falar acerca do mesmo, e marcada por pudores (Neto, 1999).

Portanto, na história da humanidade a homossexualidade, a depender do contexto cultural, foi admitida, tolerada ou condenada, vista como pecado ou doença, chegando a alguns casos a ser proibida por lei. No que diz respeito à religião, a abominação a homossexuais e a discriminação parecem perpassar por determinadas denominações religiosas, de forma que, os homossexuais sentem-se rejeitados, motivo pelos quais muitos acabam não adquirindo vínculos religiosos. A abominação a homossexualidade se justifica pelas bases que constituem as escrituras da Bíblia como assevera Sanches (S/D):

O homossexualismo a luz da Bíblia é abominável. Levítico 18:22 Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; para Deus a prática homossexual é abominação, é pecado, embora várias igrejas alexandrinas, modernas tenham pregado a favor da prática homossexual a Bíblia é clara neste ponto.

Sob esses princípios estão a aceitação ou não da homossexualidade, considerando que a acepção histórica da homossexualidade vem pensada na sexualidade manifestada sobre os efeitos culturais e repressivos de uma sociedade com significados diferentes e aspectos particulares discorre-se pelo presente estudo sobre a “sexualidade e religião: a questão da homossexualidade”.

Entendendo as divergências entre as religiões na percepção dos seus líderes religiosos sobre a homossexualidade surgem diversas indagações que têm como base a visão

dos mesmos e como a Bíblia que rege a maioria das religiões é interpretada, ou seja, a maneira que as religiões interpretam a presença dos homossexuais em suas doutrinas e denominações. Diante do exposto questiona-se: em quais princípios e doutrinas as religiões se baseiam para aceitação ou não da homossexualidade? Qual a percepção das religiões sobre a homossexualidade através de seus líderes? Como é discutida a questão da Homossexualidade nessa religião? É possível um homossexual assumido fazer parte dessa doutrina religiosa? Quais as condições? Por quê? Qual a determinação caso seja descobertos homossexuais entre representantes da sua instituição?

As marcas do preconceito e rejeição ainda são muito fortes em todos os aspectos da sociedade atual, quando a mídia divulga casos de homofobia, apesar do extenso debate sobre a homossexualidade na contemporaneidade se espalhando em diversos contextos como direitos a união estável e adoção. Diante desses pressupostos se tem como objetivo geral compreender a percepção que as religiões Católica, Protestante, Espírita e Candomblecista têm a respeito da homossexualidade na cidade de Propriá/SE; e como objetivos específicos descrever acerca a construção histórica da sexualidade no contexto religioso; comparar a visão dos líderes religiosos acerca da homossexualidade e apreender a importância da temática para o Serviço Social.

O estudo teve como locus a cidade de Propriá/SE por meio dos representantes das religiões: Católica, Protestante, Espírita e Candomblecista, sendo, portanto, um estudo qualitativo como afirma Richardson (2008, p.79) “a pesquisa qualitativa justifica-se, sobretudo, por uma forma adequada para entender a natureza e um fenômeno social”. Dessa forma tem-se em vista que se busca pelo estudo descrever a complexidade de um determinado fenômeno social no caso específico a relação entre religião e homossexualidade, compreendendo os processos dinâmicos que envolvem essas construções identitárias.

Para tanto, foram entrevistados líderes religiosos representantes da igreja: Católica, Protestante, Espirita e Candomblecista quando foram utilizados roteiros de entrevistas estruturadas. O método proposto para analisar a realidade é o materialismo dialético considerado por Richardson (2008, p. 46) como “a única corrente de interpretação dos fenômenos sociais”. O universo da pesquisa são as religiões Católica, Protestante, Espirita e Candomblecista, e como amostra para essa pesquisa 4 (quatro) líderes religiosos representando cada uma dessas religiões.

O interesse pela problemática em estudo nasceu de diversas inquietações e questionamentos dos discentes em compreender os aspectos preconceituosos da sociedade, e de modo particular, o ocorrido no seio das religiões. Fato que cresceu a partir do desenvolvimento de alguns trabalhos realizado pela equipe ao sentir a ausência da discussão das temáticas: diversidade, preconceito e discriminação. Uma vez que no decorrer de nossa passagem pela Universidade foram promovidos eventos voltados para outras temáticas dentre as quais, a violência contra a mulher, pedofilia, consciência negra e etc. sem, portanto ainda voltar-se para o entorno da homossexualidade.

Pois, como assevera Neto (1999) a homossexualidade está inserida em embates ideológicos desencadeados em diversos campos na luta social e política firmada diante de questões de sexo e gênero que envolve competências moral, social, religiosa e jurídica. De forma que as pessoas que se sentem atraídas por outras do mesmo sexo reivindicam se inserir como sujeitos sociais de direito independente da orientação sexual.

Inclui neste patamar a importância da temática para o Serviço Social, na desmistificação da prática profissional, tendo em vista que o Assistente Social em sintonia com os princípios e normas do Código de Ética Resolução CFESS nº 273/93 e com base na Resolução pelo Conselho Pleno do CFESS em 06 de junho de 2006 conforme o Art. 1º deverá abster-se de práticas e condutas discriminatória ou preconceituosas, por questões,

dentre outras de orientação sexual. Nesse viés é atribuição do mesmo trabalhar com a diversidade, preconceito e discriminação, diante da homossexualidade, sejam pelo reconhecimento por políticas públicas, na orientação às famílias ou grupos que necessitam de apoio dessas informações. Tendo em vista o enfrentamento de novas demandas por famílias constituídas por pais/mães homossexuais<sup>1</sup>, e diante do desafio de políticas que enfrentem os casos constantes de homofobia<sup>2</sup> contra LGBT.

Ao Serviço Social, a pesquisa possibilitará ao profissional um maior conhecimento da temática abordada, visando desmistificar os preconceitos por meio da sua conduta profissional, assinalando a homossexualidade na contemporaneidade, sujeitos coletivos de direitos sociais e políticos e a relação do Serviço Social e os movimentos sociais na luta pelo aprofundamento do processo democrático, (MORO; MARQUES, 2011).

No entanto, a relevância desse estudo possibilitará para a sociedade, uma maior reflexão acerca da homossexualidade e sua aceitação no meio religioso, já que a homossexualidade é uma temática atual. No que diz respeito à academia, tal pesquisa terá como foco a importância da desmistificação da conduta do profissional no atendimento aos usuários que, por sua vez, possuem orientação sexual diferenciada que impõem os parâmetros da sociedade, da sua conduta pessoal, ou até mesmo das suas crenças, tendo em vista que a profissão possui em seu bojo laços muito fortes no catolicismo e que apesar da sua renovação, a religião ainda influencia essa profissão, (IAMAMOTO & CARVALHO, 2009).

O presente estudo encontra-se estruturado em quatro capítulos. O primeiro, a introdução define o objeto de estudo discorrendo sobre a metodologia do mesmo, definindo os objetivos a que se propôs e os questionamentos. O segundo situa a homossexualidade no contexto da sexualidade e religião como uma construção social e histórica e segue com a

---

<sup>1</sup> ZAMBRANO, Elizabeth. 2006. **Parentalidades “impensáveis”:** pais/mães homossexuais travestis e transexuais. Horiz. antropol. vol.12 no.26 Porto Alegre July/Dec. 2006.

<sup>2</sup> Cláudio Nascimento Silva (organizador e redação final) Diretrizes para o Plano Nacional de Segurança Pública para o Enfrentamento da Homofobia: Relatório Resumido de Propostas do I Seminário Nacional de Segurança Pública e Combate à Homofobia/Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual; Movimento.

mesma formulada na vida em sociedade, indo das construções históricas antigas a concepção moderna, adentrando na contemporaneidade cercada de preconceitos, mas também de conquistas.

No terceiro apresentam-se os aspectos metodológicos do trabalho, definindo o caminho percorrido pela pesquisa e as discussões sobre a homossexualidade na cidade de Propriá\SE sob o olhar das religiões, quando se destaca a percepção dos líderes das religiões Católica, Protestante, Espírita e Candomblecista sobre a homossexualidade; bem como os princípios doutrinários que determinam esse comportamento nessas religiões.

Considerando a grandiosidade da temática que não se esgota nesse debate, por fim, as considerações finais responde aos questionamentos propostos com as reflexões, baseando-se nas análises das pesquisas.

## 2. SEXUALIDADE E RELIGIÃO: CONSTRUÇÃO SÓCIO HISTÓRICA

A religiosidade representa uma forte influência nos seres humanos, independente da crença religiosa ela exerce um mecanismo de poder e de controle sobre o comportamento, o que não foge a questão da sexualidade humana também. Sendo uma constituição histórica, ou seja, um fato que já perdura na história da humanidade, onde se baseando em seus valores nos seus princípios, a religião orienta as pessoas suas condutas. O que tem sido determinante para a questão da sexualidade atribuindo com base na sua percepção regras a serem seguidas, (SILVA, S/D).

Neste capítulo discorre-se sobre a construção social e histórica da sexualidade, descrevendo o cenário vivido pelas diferentes sociedades, considerando a aceção de cada povo sobre a forma como viveram e ainda vivem a homossexualidade. Sem, portanto, esquecer-se dos aspectos religiosos uma vez que, o Brasil teve forte influência da igreja católica, sobretudo na Idade Média sobre a homossexualidade e adentrando nas demais religiões propostas pelo estudo, sabendo-se que estas surgiram mais tarde com a reforma na igreja católica.

A sexualidade humana perpassou por diversos contextos: históricos, políticos, ideológicos, culturais e religiosos. Em todas as sociedades e em todos os tempos envolve os aspectos da vida sexual que nortearam e fixaram a conduta sexual dos povos em diversas culturas, crenças e rituais, permeando a história da sexualidade manifestada no seio da religião e compreendida entre o sagrado e o profano, dentre eles encontra-se os ritos de passagem e sacrifícios, (LABURTHE-TOIRA; WARNIER, 1997).

Em algumas religiões eram comuns os ritos de passagem que marcavam o acesso dos filhos a identidade social adulta, mito e religião se estabeleciam no campo das



representações simbólicas. Entre os gregos “O sexo era natural, divino e sempre era realizado como forma de adoração. Não era discriminado e o senso de pudor não existia porque não havia o “não-divino” na sexualidade grega”, (CROWLEY & LIGVORI, 2008).

Em Atenas, em alguns rituais, faziam parte da educação dos jovens adolescentes (Erômenos) que após os doze anos eram cortejados por um homem mais velho (Erastes), devendo este ser gentil com o jovem, que ao aceitar a amizade mantinha laços de amor com ele, para absorver suas virtudes e seus conhecimentos de filosofia. Ficando como parceiro passivo até os dezoito anos, tendo, portanto aprovação da família. Aos vinte e cinco anos era considerado um homem, devendo assumir o papel ativo numa relação (CORINO, 2006).

As relações sexuais com pessoas do mesmo sexo na cultura grega, antes de Cristo eram vistas como algo natural, considerando que era comum cultuar a beleza física, onde os homens nesta civilização viviam nus, admirando o corpo, portanto os mais velhos iam às arenas para apreciar a beleza do corpo dos jovens. Da mesma forma que, “nas representações teatrais os papéis femininos eram representados por homens transvestidos de mulheres ou usando máscaras femininas”, (MOREIRA FILHO & MADRID, 2008, p. 4). No entanto, não sendo permitida a relação sexual entre pessoas com a mesma idade devendo o adolescente após ser Erômenos torna-se Erastes, e a partir de então poder se casar.

Conforme ressaltam os estudos realizados por Moreira Filho & Madrid (2008); Vecchiatti (2008), em Roma a sexualidade se relacionava ao poder de dominação, a relação sexual se dava com um jovem escravo, portanto proibidas o relacionamento com homens livres. É interessante atentar que essa foi uma situação reprovada pelo Imperador Justiano, em 533 a. C., quando passou a punir a prática da sexualidade entre homens com a fogueira e a castração, com a justificação de que esta prática não era aceita por Deus.

Segundo Neto (1999), ao longo da história Ocidental a sexualidade se faz presente com a presença marcante das prostitutas, masturbadores, zoófilos, travestis, pedófilos,

sadomasoquistas, sodomitas e muitos outros, ordenadamente perseguidos e intolerados por não se conformarem aos limites socialmente definidos como os do “exercício saudável da sexualidade” (idem, p. p. 29). Dessa forma, as práticas sexuais iam de encontro aos valores morais logo, não eram reconhecidas e sim discriminadas.

Sullivan (1996) apud Neto (1999) ressalta que nos dias atuais os homossexuais no Ocidente, embora isso não ocorra de forma expressiva, não mais são vistos como criminosos ou doentes, apesar de ainda serem considerados pecadores, considerando ainda recorrente a ideia da subversão das leis de Deus.

De acordo com CORINO (2006), a influência do Cristianismo no Ocidente, vem romper com a sexualidade voltada ao prazer, e ao erotismo, onde deveria ser absolutamente excluído as relações com pessoas do mesmo sexo, considerando nesse sentido que Deus fez o homem para a mulher e a mulher para o homem, a sexualidade tinha como finalidade a procriação. O sexo era controlado, uma atividade suja, degradante e repulsiva diante do “sagrado”, a sexualidade entre os homens constituiu-se em crime passível à pena de morte, assim como o adultério e o incesto.

Um exemplo que marca a presença da religião na história da sexualidade vem narrado pela história de Sodoma e Gomorra<sup>3</sup>, destruída pela ira divina. No entanto, havendo outro olhar para o clero, cujas práticas homossexuais nos mosteiros se davam as escondidas, as penas para esta prática iam desde a condenação à morte, a serem queimados vivos, torturados, castrados e enforcados, (RICHARDS, 1993).

No oriente, assim como no ocidente, a sexualidade se dá sob as concepções religiosas. Na Índia, os deuses aceitavam a relação vendo-a como natural, também porque eles acreditavam que a relação sexual também deveria ser utilizada como relação de poder e para o prazer, e não apenas para a procriação como nas civilizações citadas acima. Logo, “a

---

<sup>3</sup> Sodoma e Gomorra – cidades queimadas pelo fogo celestial, vingança divina, em função dos pecados. RICHARDS, Jeffrey. Sexo desvio e danação: as minorias na Idade Média. Trad.: Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. 1993.

homossexualidade/bissexualidade sempre foi tratado de forma natural”, na Índia, (MOREIRA FILHO & MADRID, 2008, p. 6).

O sexo dentro do casamento com finalidade apenas de procriação foi, portanto, um pensamento firmado na Idade Média, pela Igreja Católica que rejeitava os valores morais do mundo antigo pagão. Onde o prazer sexual era considerado pecado discriminado pela sociedade. Contudo, ao invés de coibir as práticas homossexuais, estas continuavam sendo praticadas às escondidas da sociedade preconceituosa medieval (VECHIATTI, 2008; RICHARDS, 1993).

No Japão e na China essa relação sexual era tida como natural. Sendo influenciadas pelos imperadores que tinham inúmeros favoritos, havendo uma disputa para a seleção dos mesmos, sendo que, os que se tornassem favoritos teriam riquezas e prestígio. O “Japão não possuía uma visão pecaminosa das relações homossexuais”, (MOREIRA FILHO & MADRID, 2008, p.7). Entre os homens na China era comum, a atração sexual e o amor romântico, e por norma os mesmos casarem-se e procriarem geralmente sem afeto, os casais eram livres para realizar-se afetivamente em outras relações, independente do sexo do terceiro.

Portanto, a homossexualidade transcorre desde a antiguidade em algumas das civilizações Ocidentais antigas, tais como: Grécia, Roma Atenas, e no Oriente como a Índia e o Japão em que essa prática era aceita. As relações com pessoas do mesmo sexo eram elevadas à categoria de divindade. E vários deuses eram tidos como homossexuais. Mais tarde com o cristianismo e a introdução da Igreja Católica passa a ser repudiada pelos indivíduos, sendo vista como um ato abominável, contra as leis de Deus que criou o homem e a mulher para procriarem, (SANTOS, 2011).

Nesse contexto, entra-se na Idade Média quando a sexualidade passa a ser vista como pecado pelo cristianismo que admitia o sexo apenas no domínio matrimonial e tão-

somente para a procriação. A moral cristã era discutida no mundo medieval com base na visão da sexualidade das teses de Santo Agostinho<sup>4</sup>, decisivas para uma moral sexual que tem influência significativa, pois:

Não há como polemizar realmente sobre a postura básica da cristandade. Visto que o sexo, segundo os ensinamentos cristãos, foi dado ao homem unicamente para os propósitos da reprodução e por nenhuma outra razão, qualquer outra forma de atividade que não levasse ou não pudesse levar a procriação era um pecado contra a natureza. Os pecados contra a natureza incluíam especificamente a bestialidade, a homossexualidade e a masturbação, (RICHARDS, 1993, p.136).

Uma concepção que evidencia a hostilidade e a intolerância do discurso cristão sobre as relações sexuais, cuja finalidade não fosse à procriação. Portanto, toda atividade sexual era considerada pecado, transgressão. Deste modo, é possível afirmar que o maior preconceito na Idade Média em se tratando das práticas sexuais entre os homens se deu pela igreja, ou seja, pela religião cristã.

No século XII tem início um sentimento anti-homossexual relacionados à xenofobia, uma ação que foi acentuada pelas cruzadas, contexto no qual se cometiam atrocidades com o predomínio da homossexualidade contra cristãos, crianças e clérigos atacada de forma desumanas. Fato que se constituiu de um apelo intitulado – “o forjado, apelo do Imperador Oriental para salvar a Terra Santa”, (RICHARDS, 1993, p.151). A sodomia era associada com a heresia, fato que justificava tal ação, assim associada à sodomia a homofobia foi impulsionada.

Acentua-se ainda nesse contexto, segundo Richards (1993), o puritanismo da revitalização evangélica nos séculos XI e XII que se mobilizou para reprimir o pecado homossexual e policiar a vida moral do clero e do laicado.

---

<sup>4</sup> Santo Agostinho um dos mais importantes padres da Igreja, na definição da atitude dela com relação ao sexo. In: RICHARDS, Jeffrey. Sexo desvio e danação: as minorias na Idade Média. Trad.: Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. 1993.

Nas tribos indígenas no Brasil a prática do sexo entre os homens era aceita, no entanto com pequenas diferenças entre as tribos, respeitando seus costumes e suas crenças. “Um cenário que foi se modificado com as perseguições cristãs”, (VECCHIATTI, 2008, p. 64).

## 2.1 A homossexualidade: formulações da vida em sociedade

As bases da homossexualidade sustentadas na história da sociedade pela organização da vida sexual vêm determinadas pelos princípios que marcaram as sociedades ocidentais, onde o gênero e a sexualidade são discutidos sob o prisma dos discursos religiosos e morais. Para Richards (1993), é sob o eco distorcido da sexualidade que as práticas sexuais masculinas de relação anal na Idade Média eram conhecidas por sdomia ou sdomita, pois o termo “homossexual” era então desconhecido.

Na vida em sociedade, a sexualidade vem sem segredos, sem disfarce, censurável, é assim que Foucault (1988) retrata a história da sexualidade início do século XVII:

Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos “pavoneavam”. Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca (FOUCAULT, 1988, p. 09).

Nesse discurso, a sexualidade vem reprimida na sociedade, contida, muda, hipócrita, sendo permitida apenas no quarto dos pais. De forma, que quando assumida, ou seja, expressa de forma direta, a sexualidade é vista como um discurso sem vergonha, de transgressões visíveis, cujas anatomias mostradas e facilmente misturadas às crianças tornam-se motivos de risos, recebe *status* de anormal com pagamento de sanções. Pois, como afirma Foucault, a sexualidade é encerrada, apoderada pela família (FOUCAULT, 1988).

Na sociedade burguesa, a sexualidade reprimida busca sua legitimidade na transgressão das leis, tendo no mecanismo de poder a construção de uma verdade, ou ao menos criando possibilidades para se falar do dispositivo de sexualidade. Um discurso que adentra as ciências humanas, tais como a sexologia e a psicologia, ele atua como produtor de identidades. Assim entre o saber e o poder surge à busca de uma verdade, da identidade que deixa de ser explicável em termos de natureza humana ou de traço antropológico (FOUCAULT, 1988).

Para Foucault (1988), a homossexualidade se espalha num prazer descoberto que vaza em direção ao poder, que vem desvelado nesse mesmo prazer, e que não resiste ao jogo de sensações e incitações em torno do sexo e não se esquivava ao corpo.

Esse poder se revela como um instrumento, que possibilita o acesso à verdade, tornando possível revelar a sexualidade, um prazer perverso, como objeto de desejo, um sentimento que vai além da socialização e das condutas de procriação. Essa parece ser uma questão relevante, pois à medida que são revelados esses prazeres produz-se uma verdade que vem dar legitimidade a ciência, “*scientia sexualis*” que é produzida e tem a sexualidade definida por Foucault pelo discurso, (FOUCAULT, 1988).

Incitando no século XVII e XVIII preleções onde “o sexo é açambarcado e como encurralado por um discurso que pretende não lhe permitir obscuridade nem sossego” (Idem, 1988, p. 21-22). A necessidade de falar abertamente sobre sexo, não com o intuito de esclarecê-lo, mas sim por conta de questões ligadas a reprodução, os meios de vida, habitat, fecundidade, estado de saúde, entre outras questões que colocavam o conceito de sexo como uma questão econômica e política e não para se saber mais sobre os desejos dos próprios indivíduos, que segundo Foucault:

Através da economia política da população forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo. Surge análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico. As campanhas sistêmicas que, à

margem dos meios tradicionais – tentam fazer do comportamento sexual dos casais uma conduta econômica e política deliberada. (FOUCAULT, 1988, p. 29).

Postula-se que por volta do século XVIII e XIX, o discurso sobre o sexo avança nas áreas da medicina, com o intuito de explicar os motivos que levariam as pessoas a falarem cada vez mais sobre o assunto. O que antes era tratado pela repressão agora é visto sob os olhares científicos (FOUCAULT, 1988).

No século XIX, o discurso sobre o sexo voltou-se a ordem jurídica em que puniam os indivíduos que fossem pegos em atos tais como adultério, práticas homossexuais, casamentos sem o consentimento dos pais e etc., neste sentido o discurso atribuído ao sexo estava diretamente ligados às concepções religiosas, (FOUCAULT, 1988).

Apesar de essas concepções terem avançado nas últimas décadas, é a partir do século XIX que vão surgir as primeiras concepções sobre a homossexualidade, que em primeiro momento a medicina vai caracterizá-la como doença, chegando mais tarde a considerá-lo uma espécie:

Ora, o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e “hermafroditismo psíquico” permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de “perversidade”; mas, também, possibilitou a constituição de um discurso “de reação”: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua “naturalidade” e muitas vezes dentro do vocábulo e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico. (FOUCAULT, 1988, pág. 96).

Neste sentido, a homossexualidade ao longo da história foi introduzida diversas explicações, ora a mesma era tida como doença, outras vezes como perversão, mas a verdade é que muitas hipóteses foram criadas para regular a conduta do homem na sociedade e a maneira que deveriam usar ou até mesmo falar sobre o sexo, deveriam assumir uma padrão único, ou seja, a criação de comportamentos considerados “normais”, que ao serem

estabelecidos devia ser seguidos por todos e os que não se adequassem a esse padrão eram considerados anormais.

Não se pode esquecer no século XX o discurso sobre a sexualidade é revolucionado com as ideias de Freud, que apresenta a psicopatologia da vida sexual numa acepção da sexualidade apreendida na complexidade da organização do psiquismo humano, determinada por uma ordem libidinal inconsciente. Freud, não apenas revoluciona o campo da sexualidade como também do psiquismo, (DESPRATS-PÉQUINOT, 1994).

## **2.2 A Transformação da Concepção de Homossexualidade**

Segundo Foucault (1988), somente no fim do século XIX é que os termos homossexualidade e homossexual surgiram em tratado médico como patologias, ou seja, como doenças, ao se referirem a experiências afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Portanto, fugindo das penalidades, essas práticas sexuais passam a ser pensadas como “patologias” definidas como síndromes, e acrescenta: “A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida da prática da sodomia para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (Idem, 1988, p.43-44).

Essa espécie vem dentre os argumentos de Foucault numa formação moderna, como categoria de identidade do homossexual, o que antes era inclinado para as práticas sexuais entre as pessoas do mesmo sexo, regulado, constitui-se agora numa conduta e não mais um ato em si.

Granúzzio (2007, p. 21), assim descreve que, “O termo homossexual é usado para definir sentimentos ou comportamentos de pessoas que estão ligadas emocionalmente ou se sentem sexualmente atraídas por pessoas do mesmo sexo”. É entendendo dessa forma que o



discurso sobre as relações sexuais tem razões objetivas apreendidas pelas condições de liberdade que tem de fazerem suas escolhas.

A construção histórica da homossexualidade compreende-se por um processo amplo da identidade sexual e da sexualidade. A descoberta do ser homossexual dá-se na construção de sentidos sobre as relações de sexo (natural, biológico) e gênero (construção social), uma discussão que se alarga em diversos campos de saberes dentre os quais a medicina e a psicanálise. E que tem na concepção moderna o preconceito e a discriminação surgida com o advento do cristianismo, (ZAMBRANO, 2008).

A definição de homossexualidade vem dada por Ferrari (2005) apud Granúzzio (2007, p. 24) como:

[...] construções históricas relacionadas com o todo da sociedade; isso porque as diferenças entre os sexos não podem ser explicadas apenas pelos termos biológicos, mas também pelos papéis sociais que cada sociedade forja para os sexos. Assim sendo, em cada contexto, existe o comportamento considerado apropriado aos homens e às mulheres, de acordo com sua posição social. Qualquer “desvio” desses comportamentos “adequados” é reprimido na tentativa de recuperar o “bom comportamento”.

Diante do exposto, a homossexualidade é compreendida como um comportamento construído socialmente, indo além das questões biológicas. Nesse sentido, Zambrano (2008) refere-se à homossexualidade numa perspectiva antropológica que envolve culturalmente três elementos: sexo, gênero e orientação, que vão combinando entre si.

De forma que o homem masculino heterossexual e a mulher, feminino heterossexual podem surgir outras possibilidades de combinações, sendo uma delas a “homossexualidade, termo referente a pessoas que praticam sexo com pessoas do mesmo sexo”. Sua orientação sexual difere da esperada para o seu sexo e gênero, mas isso não indica necessariamente uma mudança de “identidade de gênero”, (ZAMBRANO, 2008, p. 20). Compreendendo dessa forma que, não há necessariamente mudança de gênero pelo fato de

uma pessoa sentir-se atraída e praticar sexo com outra do mesmo sexo, caracterizando apenas a homossexualidade. E esclarece que os homens que modifica seu corpo, sem fazer uso de cirurgia para mudança de sexo, apenas com hormônios, roupas e maquiagem, implante de silicone são denominados travestis. Outra combinação são as dos transexuais que se dizem de outro sexo diferente que o seu biológico e optam por “mudança de sexo” recorrendo ao campo da medicina e do judiciário, (ZAMBRANO, 2008, p.20).

Esses comportamentos causam polêmica em torno do tema homossexualidade na sociedade, quando o debate alarga essas questões para o preconceito. No Brasil, assim como em várias partes do mundo, o preconceito passa pela privação dos direitos, pela discriminação e exclusão social. A discriminação começa na maioria das vezes na própria família; muitos pais dizem preferir um filho morto do que homossexual.

Nesse contexto, Velho & Alvino (1996, p. 100) ressaltam que o Brasil apesar de ostentar a fama internacional com a aceitabilidade da homossexualidade “esconde uma desconcertante realidade: é o campeão mundial em assassinatos de homossexuais<sup>5</sup>”.

A perseguição das práticas homossexuais tem seu contexto histórico na tradição luso-brasileira com a abominação das práticas da sdomia quando a inquisição prendia e julgava no Tribunal do Santo Ofício os sodomitas que eram executados na fogueira (VELHO & ALVINO, 1996).

---

<sup>5</sup> As estatísticas apontam que o Brasil tem mais de quatro casos de homofobia por dia. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH), e o Grupo Gay da Bahia (GGB), as violações contra homossexuais representam 67,8% do total de ligações feitas no ano passado, quando foram registrados 278 homicídios. A cada dia, 4,69 pessoas, em média, foram vítimas de violência homofóbica. De janeiro a dezembro de 2011, a pasta identificou a ocorrência de 6.809 denúncias de desrespeito aos direitos humanos de homossexuais. Os estados com maior incidência foram São Paulo (1.110), Minas Gerais (563), Rio de Janeiro (518), Ceará (476) e Bahia (468). O Distrito Federal encontra-se na 12ª posição, com 225 notificações. O relatório destaca o número de vezes em que uma mesma pessoa sofreu ataques, revelando um padrão de repetição de violência contra 1.713 vítimas. Em média, foram 3,97 violações por pessoa agredida. Outro aspecto ressaltado nas estatísticas é um número maior de suspeitos (2.275) em relação ao de vítimas. A diferença entre a quantidade sugere que as violações são cometidas por mais de um agressor ao mesmo tempo. Os dados da SDH indicam que em 61,9% dos casos, o agressor é próximo e, desse total, 38,2% são familiares. IN: [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2012/07/21/interna\\_brasil,313033/brasil-tem-mais-de-quatro-casos-de-homofobia-por-dia-comprova-pesquisa.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2012/07/21/interna_brasil,313033/brasil-tem-mais-de-quatro-casos-de-homofobia-por-dia-comprova-pesquisa.shtml).

Fato que se deu com a ampliação da Contra-Reforma católica em Portugal, onde a severidade da religiosidade adentra no Brasil Colônia pelas Capitanias de Pernambuco e de São Vicente que por ordem de Duarte Coelho e Martin Afonso de Souza, nomeados por D. João III, além de administrar as terras, também administravam a justiça com punições (DIAS, 2007).

A intolerância à homossexualidade ainda nos dias atuais resulta em inúmeros assassinatos, cujas vítimas são homossexuais, vítimas de homofobia, como asseveram Velho & Alvino (1996, p. 101): “lamentavelmente no Brasil é muito mais cruel, constante e generalizada do que o complô do silêncio do conservadorismo machista permite divulgar”. Fato que se compreende pelo número de casos divulgados na mídia de violência a homossexuais alguns dos quais resultantes na efetiva retirada da vida.

A ignorância à homossexualidade, ou seja, “a homofobia atinge dimensões chocantes e requintes de crueldades em nosso país, fruto de uma ideologia machista e heterossexista”. Para muitos, ainda “é uma anomalia, um desvio de conduta a ser tratada com psicólogos ou psiquiatras, uma doença que pode ser curada”, (MASTERS & JOHNSON, 1979 apud GRANÚZZIO, 2007, p. 16).

Ao longo da história brasileira diversos casos de violência onde castigos, humilhações, terror psicológico, surras chicotes que causavam cicatrizes indeléveis, ocorriam dentro da própria família por pais ou irmãos mais velhos que repudiavam os homossexuais, muitas das vezes expulsando os filhos de casa. Fatos que ocorriam e ainda ocorrem em nome da elevação moral, pregada pela Igreja que influenciou não apenas no período colonial e imperial parece que ainda impõe as suas normas, mesmo nos dias atuais (VELHO & ALVINO, 1996).

Os homossexuais pertencem a todos os níveis socioeconômicos, com atividades profissionais variadas como a de empresários, cabeleireiros, profissionais do sexo,

professores, padres, pais de santo, estudantes e outros. “Por volta de 70% das vítimas são afrodescendentes” (GRANÚZZIO, 2007, p.15).

A não aceitação da homossexualidade é uma realidade expressa pela sociedade, quando os direitos humanos dos homossexuais são desrespeitados por grupos muitas vezes organizados (Polícia, Exército, Força Aérea Brasileira, dentre outros) que prega a discriminação. Segundo Velho & Alvito (1996) os direitos humanos dos homossexuais são violados com assassinados e homicídios cruéis. A homofobia tem se dado nos mais diversos setores da sociedade; juízes de futebol já foram obrigados a deixar de arbitrar, policiais militares já foram expulsos, dentre outros funcionários que perderam seus empregos ou sofreram preconceitos.

Diante do exposto, os movimentos se voltam na garantia de defesa e promoção dos direitos humanos, alargando o debate para o combate a homofobia e a garantia dos direitos humanos de homossexuais, pautando-se num ação do estado e de toda a sociedade brasileira; de forma que o Ministério da Saúde em 2004 realiza o programa “Brasil Sem Homofobia – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual”. O programa visa à promoção da cidadania de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais, a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação homofóbicas, respeitando a especificidade de cada um desses grupos populacionais. E para isso tem dentre suas ações:

- a) apoio a projetos de fortalecimento de instituições públicas e não-governamentais que atuam na promoção da cidadania homossexual e/ou no combate à homofobia;
- b) capacitação de profissionais e representantes do movimento homossexual que atuam na defesa de direitos humanos;
- c) disseminação de informações sobre direitos, de promoção da auto-estima homossexual; e
- d) incentivo à denúncia de violações dos direitos humanos do segmento GLTB, (CONSELHO, 2004, p.11).

Para tanto, busca a implantação de políticas públicas e estratégias do Governo Federal por meio de seus Ministérios e Secretarias. A garantia dos direitos inclui pesquisas

nacionais pelas instâncias governamentais da administração pública direta e indireta, para que possam com base nesses conhecimentos subsidiar a elaboração, implantação e avaliação das políticas públicas voltadas para o combate à violência e à discriminação por orientação sexual.

Anterior a essa iniciativa a discriminação vem sendo apreendida por diferentes formas de expressão da sexualidade, desde a década de 1970, como afirma Marcelino:

As diferentes formas de expressão da sexualidade fizeram e ainda fazem parte de muitas discussões que envolvem vários setores da sociedade. A partir da década de 1990, as expressões sexuais conquistaram um espaço através da luta de homossexuais, o que já vinha aos poucos acontecendo desde o final da década de 70 e no decorrer dos anos 80, (MARCELINO, 2010, p.1).

Nesse contexto, diversos grupos surgiram como resultado de militâncias com atos públicos contra todas as formas de discriminação sexual opondo-se a leis, códigos e posturas que rotulassem a homossexualidade como patologia, (MOTT, 2007).

Dessa forma, em meio à ditadura militar já 1974, diante das mobilizações de operários e estudantes surgem as críticas públicas ao sexismo, fato que impulsiona mais tarde em 1978 o surgimento do movimento gay e lésbico com a criação do “Jornal Lampião” seguido do grupo “Somos”, ambos voltados a luta da classe proletarizada na busca pelos direitos de igualdade social para todos. Inspirando dessa forma o surgimento de outros grupos de homossexuais, assim na década de 1980 ocorre o primeiro Encontro de Grupos Homossexuais, (GREEN, 2000).

O nome final – Somos: Grupo de Afirmação Homossexual – foi o meio termo que o grupo adotou e estreou durante um debate em 6 de fevereiro de 1979, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. O debate foi parte de uma série de discussões sobre o tema de organização das “minorias” brasileiras – em referência às mulheres, os negros, os povos indígenas, e os homossexuais – e

acabou sendo também o evento em que o movimento de gays e lésbicas do Brasil “se assumiu”, (GREEN, 2000, p. 274).

No campo da homossexualidade tem-se, portanto, aberto o debate pelos representantes dos movimentos, cuja luta contra a discriminação e a homofobia se torna também o espaço de se assumir perante a sociedade como homossexuais.

Diversos outros momentos na história se voltam para discussão da homofobia e discriminação a homossexualidade. O Brasil participa da Conferência Regional das Américas, realizada em Santiago do Chile, em 2000, preparatória para a Conferência de Durban, quando é afirmado o compromisso de todos os países do continente sobre a orientação sexual entre as bases de formas agravadas de discriminação racial e imprime aos Estados a prevenção e o combate. Em 2001 em Durban, África do Sul, na Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, onde o tema da discriminação é introduzido na lista de proposta, (CONSELHO, 2004).

Da conferência em Durban é criado pelo governo brasileiro o Conselho Nacional de Combate à Discriminação - CNCD, em outubro de 2001. Em 2002 na segunda versão do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH II, 2002) são apresentadas ações a serem adotadas pelo Governo Brasileiro para o combate à discriminação por orientação sexual, e para a sensibilização da sociedade para a garantia do direito à liberdade e à igualdade de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais. Portanto, a CNCD combate à discriminação com base na orientação sexual, criando um Grupo de Trabalho com a finalidade de elaborar o Programa Brasileiro de Combate à Violência e à Discriminação a Gays, Lésbicas, Travestis, Transgêneros e Bissexuais (GLTB) e de Promoção da Cidadania Homossexual, cujo objetivo consiste em prevenir e reprimir a discriminação com base na orientação sexual, garantindo ao segmento GLTB o pleno exercício de seus direitos humanos fundamentais (Idem, 2004).

Assim, à medida que os movimentos vão ganhando espaços também se modificam os conceitos com base na diversidade sexual e suas possibilidades de interpretação como assevera Oliveira (2009, p.162): A variação “movimento LGBTTTT” tem seu caráter êmico. Que segundo a mesma é “polissêmico”, em termos de autodeterminação de identidades no campo da sexualidade, refletindo a existência de figuras “marginais” onde os grupos se identificam neste terreno, portanto se enquadrando nas denominações à medida que encontram lugar nas relações da sociedade civil e Estado no Brasil, uma vez que seu caráter não é estável.

A nomenclatura LGBTTTT (lésbicas, gays, bissexuais transgêneros Travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais) comporta diversos debates ocorridos nas diversas manifestações da homossexualidade e da heterossexualidade entre transexuais, em torno de convicções morais entre corporalidades e sexualidade, não hegemônicas que se cruzam na vivência da heterossexualidade, incluindo mulheres que vivenciam a transexualidade. Assim a política da construção de identidades é fixada com base nas demandas de políticas identitárias, buscando estratégias de visibilidade em espaços públicos e privados envolvendo conceitos relativos a sexo, gênero, sexualidades e produção de sujeitos identitários para os quais devem voltar-se também as políticas, (Idem, 2009).

Há, portanto, nos últimos anos diversas leis e propostas legislativas relativas à criminalização da homofobia, segundo Bonfim (2011) o Vaticano distingue entre atos homossexuais e tendências homossexuais, dando a estes tratamentos diferentes para efeito de aceitação nos Seminários e Santos Ofícios<sup>6</sup>, através da Congregação para a Doutrina da Fé, editou diretrizes com considerações acerca da resposta às propostas legislativas sobre a não discriminação de pessoas homossexuais, no sentido de que tais iniciativas legislativas, mesmo

---

<sup>6</sup> A Congregação para a Educação Católica, quanto aos critérios de discernimento de vocações acerca de pessoas com tendências homossexuais e sua admissão nos Seminários e Santos Ofícios, fundada nos princípios contidos na Catequese, a qual distingue entre atos homossexuais e tendências homossexuais, estabelece que as pessoas com tendências homossexuais devem ser aceitas com respeito e sensibilidade, (BONFIM, 2011)em referência bibliográfica).

onde parecem mais dirigidas ao apoio dos direitos civis básicos do que à tolerância para com a atividade homossexual, ou para com o estilo de vida homossexual, podem ter um impacto negativo na família e na sociedade.

### **2.3 A Homossexualidade na Contemporaneidade**

A homossexualidade na sociedade contemporânea se compreende pelos conflitos relacionados à redefinição de representações e práticas sociais democráticas contemporâneas, que demandam de expressões dos atores oprimidos e marginalizados os homossexuais. Um embate ideológico que emergem das tentativas de ressignificação dos aspectos, e práticas sociais relativas à família, em sua feição heterocêntrica, a partir das disputas em torno do reconhecimento social e jurídico das uniões de pessoas do mesmo sexo, assim como de adoção por esses casais (NETO, 1999).

A estruturação da homossexualidade no imaginário da sociedade se expressa pelos empates nos campos políticos e jurídicos e não fogem ao discurso da antropologia, da medicina, do direito, da religião e militância<sup>7</sup>.

O discurso antropológico se volta para a compreensão da família “natural” e “universal” pensada não mais como uma instituição fixa, mas com novas configurações; no campo da medicina a ênfase é dada ao “gênero” com a troca dos sexos com a cirurgia; no campo da psicologia pela compreensão das “identidades”, dos comportamentos sexuais diferentes. Na área do direito o debate se compreende pela legalização da união, pela adoção e criação dos filhos, (ZAMBRANO, 2008, 12).

---

<sup>7</sup> Militância – grupos, associações e movimentos que combatem toda e qualquer forma de discriminação e preconceito a homossexuais, gays e lésbicas. Alguns grupos buscam no poder legislativo por acesso aos direitos civis e demandas no judiciário. Zambrano (2008).



Essa é, porém, uma temática cercada de diversos outros questionamentos que evoca a temática em estudo “Sexualidade e Religião: a questão da homossexualidade”, pois, como advoga Zambrano (2008, p.12), “é evidenciado o papel das religiões no incremento do preconceito, influenciando outros atores sociais e dificultando sua aceitação pela sociedade e inclusão na proteção do Estado, por meio da legalização do casamento e adoção”.

Hoje, é expressivo o número de casais homossexuais que procuram estabelecer com seus companheiros uma união estável, mobilizando o campo político quando das mudanças nas leis, com a legalização da união. Troca de sexo, assim como de nome, casamento, herança, adoção de filhos são exemplos de ações que tem crescido no judiciário que segundo Zambrano (2008):

Tem-se observado, nas últimas décadas, que os movimentos homossexuais vêm lutando pelo direito a casamento, herança do parceiro e adoção; já os transgênicos (travestis e transexuais) reivindicam, além desses os direitos relativos à troca de nomes e de sexo na documentação, mesmo sem ter feito cirurgia, permitindo enfrentar situações nas quais o nome anterior causaria constrangimento, (ZAMBRANO, 2008, p.22).

Tem-se, portanto, um embate ideológico diante de uma nova visão das relações sexuais, e de uma nova configuração da família com a homoparentalidade (filhos de uma relação anterior e adoção), assim como a família recomposta, quando após romper com um casamento heterossexual se constitui nova união com outra pessoa do mesmo sexo.

Sendo assim, além de serem repudiados na sociedade ou quando aceitos nesta há uma demanda no embate no campo religioso e jurídico, onde se questiona o papel do Estado na proteção social básica à família e no bem estar das crianças e adolescentes inseridas nesse contexto da nova parentalidade e da reconstituição familiar. É diante desse embate que deve se voltar às ações sociais de proteção e acolhimento as famílias constituídas sob essa nova parentalidade com pais e mães de mesmo sexo. Cabendo, portanto, a manifestação das políticas sociais básicas pelas quais se compreendem o Serviço Social, que de acordo com o

Código de Ética (Lei 8662/93) tem dentre os princípios fundamentais expressos nos seguintes incisos:

- I. Reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes - autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais;
- II. Defesa intransigente dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo;
- V. Posicionamento em favor da equidade e justiça social, que assegure universalidade de acesso aos bens e serviços relativos aos programas e políticas sociais, bem como sua gestão democrática;
- VI. Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças;
- VIII. Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero;
- XI. Exercício do Serviço Social sem ser discriminado/a, nem discriminar, por questões de inserção de classe social, gênero, etnia, religião, nacionalidade, orientação sexual, identidade de gênero, idade e condição física (BRASIL, 1993).

Se expressa dessa forma, o papel dos assistentes sociais é tomando por base os princípios da sua profissão em defesa dos direitos dos indivíduos na sociedade. O papel do Serviço Social no contexto da homossexualidade assume uma questão relevante, quando ao seu papel frente à família homoparental e as crianças e adolescentes com ênfase a adoção no judiciário.

Neto (1999) chama atenção para os direitos humanos, pois a cidadania independe da orientação sexual. Como sujeitos sociais os homossexuais são sujeitos de direitos e hoje já podem constituir família. Nesse contexto, é importante ressaltar o número de união estável que vem sendo realizada em alguns estados brasileiros, assim como a adoção de filhos.

## **2.4 Religião: Um Aspecto da Sociabilidade**

A religião sempre esteve preocupada com a forma como a sexualidade é vivida, da mesma forma que a crença religiosa influencia no comportamento sexual das pessoas, sendo assim, a sexualidade tem despertando o interesse das religiões como questões éticas discutidas por teólogos que determinam a vida sexual na sociedade (SILVA, S/D). Na

verdade, ao regular a sexualidade gera assim uma relação de poder da igreja sobre o comportamento humano.

O nosso objeto de estudo traz essa relação de poder entre sexualidade e religião, a partir de um novo conceito. O conceito das relações entre as pessoas do mesmo sexo na sociedade determinada pela homossexualidade que como toda a sexualidade humana, está diretamente relacionada ao universal constituído por um discurso que envolve as condições contextuais como: crenças religiosas, modelos de Igreja, e o complexo sociocultural, que influenciam a constituição desse discurso (BONFIM, 2011).

Como ressalta Silva (S/D), a igreja influenciou definitivamente a nossa moral sexual, uma moral que se estabelece a partir do Concílio de Trento, mas a Igreja manteve rigidamente suas posições até os dias atuais, pois:

Verdades religiosas e eventos históricos se articulam através da memória religiosa cristã presente nas tradições, documentos, obras de arte, etc. Toda essa articulação moral do discurso religioso fica submetida às verdades religiosas da cosmogonia cristã. Uma particularidade nessa cosmogonia é o modo como a divindade é concebida, numa lógica que compreende a figura de Deus como a totalidade de tudo que existe, onipotente, onipresente e onisciente. Essa dimensão religiosa do discurso cristão influenciou o pensamento ocidental como um todo (LACAU, 1995 apud TORRES, 2006, p. 143).

Enfim, a religião sob o discurso simbólico apresenta suas verdades como princípios de um contexto que envolve a vida e a cultura das pessoas, e assim influencia os papéis sociais exercidos pelas pessoas na sociedade. Nesse contexto a doutrina se compreende segundo Lacau (1995) apud Torres (2006), fundamentada em verdades religiosas e eventos históricos como um discurso submetido a mitos que transcendente o sobrenatural sobre os quais se baseiam a moral religiosa. A doutrina da igreja católica se compreende na divindade concebida na lógica da figura de Deus como um ser total que existe em tudo um pensamento que influenciou o mundo.

Na igreja imperial do terceiro período geral tem início a perseguição à igreja católica onde começa a se desenvolver as demais doutrinas como seitas ou heresias, através do pensamento especulativo de opiniões contrárias, surgindo outras seitas de pensamento oposto à igreja cristã. A igreja reage a essa perseguição buscando a purificação e excluindo dela os que não lhe eram sinceros e não estavam dispostos a segui-la; mesmo assim possuía uma multidão de seguidores espalhados por todo o mundo (HURLBUT, 2002).

Segundo Hurlbut (2002), as divisões de caráter doutrinário dividem a igreja cristã no governo de Teodósio quando se tem a divisão do mundo Oriental Grego e Ocidental Latino, sendo esta um presságio da futura divisão da igreja que já estava dividida em doutrinas a exemplo da doutrina de Agostinho com a igreja ortodoxa. Um fato que se consolida com a divergência entre os dois mundos com a excomunhão pelo Papa em Roma no século onze.

Doutrinariamente, a principal diferença consistia na doutrina conhecida como "a procedência do Espírito Santo". Os latinos afirmavam que "o Espírito Santo procede do Pai e do Filho" — em latim "filioque". Os gregos, por sua vez, declaravam que procedia "do Pai", deixando fora a palavra "filioque". Acerca dessa palavra realizaram-se intermináveis debates, escreveram-se livros em abundância e até mesmo sangue foi derramado nessa amarga contenda (HURLBUT, 2002, p. 57).

Um impasse do qual decorre diversas divergências como o casamento dos sacerdotes no mundo oriental e a adoração de imagens no mundo ocidental, aliam-se a outras divergências cerimoniais e políticas.

Na idade Média, Martinho Lutero em oposição às doutrinas das Escrituras Sagradas ataca a autoridade do Papa, um processo de protesto contra a igreja católica cujas doutrinas ficaram conhecidas como religião protestantes, (HURLBUT, 2002).

No Protestantismo, apesar da grande ramificação e diversidade doutrinária dos evangélicos, trata-se de uma religião cristã e o seu posicionamento perante a homossexualidade varia de acordo com a corrente de pensamento dentro do protestantismo. Mesmo já existindo, raras igrejas que aceitam o homossexual em sua condição, as maiores

dos evangélicos entendem que a homossexualidade não corresponde aos desejos de Deus para com a humanidade, rejeitam as uniões entre casais homossexuais e proíbem a ordenação de clérigos abertamente homossexuais. Considera como regra geral que a homossexualidade é um distúrbio emocional, um problema psíquico ou demoníaco.

Há uma significativa relação em comum do Catolicismo e o Protestantismo, porque ambas têm suas doutrinas firmadas na Bíblia Sagrada, apesar de a Bíblia Católica conter alguns livros a mais, neste aspecto firmam doutrinas baseadas em determinados livros contidos na bíblia que retratam o seguinte: “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é.” (Levítico 18:22).

O Espiritismo tem na sua doutrina voltada para o espírito, assim a homossexualidade é um momento de povoação para o espírito, portanto decorre de atitudes em outras existências. A doutrina espírita não adota a ideia da existência do pecado. Pois o espírito não tem sexo. O aparelho sexual existe apenas no corpo físico.

O candomblé, para Santos<sup>8</sup> (2002), possui uma estrutura religiosa, ocupando espaços privados ou públicos onde desenvolve seus rituais aos orixás: inkices e voduns, prática existente desde o início do século XIX. Fatos que se sustentam em documentos históricos da repressão policial, assim como se revela nos depoimentos de pais e mães-de-santo dos terreiros fundados na segunda metade do século XIX.

Com base nesses registros, a homossexualidade se fazia presentes nos terreiros desde esse período onde diversos casos denotam a presença de figuras denominadas de “affeminado”, revelando serem estes homossexuais em espaços afro-religiosos na cidade soteropolitana. Ainda destaca Santos (2002) que no século XIX, escritores e cientistas já chamavam a atenção para a bissexualidade e a androginia na mitologia das religiões afro-brasileiras. Citando como exemplos o escritor Xavier Marques, no romance O feiticeiro,

---

<sup>8</sup> SANTOS, Jocélio Teles dos. Homossexualidade e candomblé. <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2002/12/43316.shtml>

quando este destaca a bissexualidade da divindade Obatalá, assim como Nina Rodrigues<sup>9</sup> registra a concepção andrógina dos nagôs presentes no Brasil, nas indumentárias dos rituais, ao fazerem usa de saias para os orixás masculinos e femininos.

A presença de líderes homossexuais em candomblés também é destacado nos trabalhos da antropóloga norte-americana Ruth Landes<sup>10</sup>, que, entre 1938 e 1939, realizou pesquisas em Salvador, onde a mesma ignorava os candomblés angola ou caboclos por considerá-los deturpados por terem na sua maioria lideranças masculina e homossexuais (SANTOS, 2002).

Portanto, segundo Santos (2002), a presença de homossexuais nos candomblés era tida também em outras religiões afro-brasileira, como o xangô pernambucano, estudado por René Ribeiro nos anos 1950. E ressalta a presença de homossexualidade no candomblé afirmando com base nos trabalhos de Luiz Mott<sup>11</sup> que a homossexualidade tem sua existência anterior ao candomblé. Sendo, portanto, o candomblé um espaços de poder, que lhes possibilita ser reconhecidos socialmente.

O Candomblé é uma religião afro-brasileira e tem sua doutrina na divinação, no sacrifício, na cura, na música, na dança, e na possessão espiritual, baseada na mitologia da sabedoria oracular e seus seguidores atribuem poderes milagrosos a entidades denominadas de

<sup>9</sup> Nina Rodrigues - Médico e antropólogo brasileiro nascido em Vagem Grande, MA, fundador da antropologia criminal brasileira e pioneiro nos estudos sobre a cultura negra no país. Iniciou medicina na Bahia. <http://www.brasilescola.com/biografia/raimundo-nina.htm>

<sup>10</sup> Ruth Landes, estudou o Candomblé nagô/queto de Salvador da Bahia como um exemplar brilhante do matriarcado no mundo real e es nomeou o mesmo como “A Cidade das Mulheres”.

<sup>11</sup> Luiz Mott – mestre em Etnologia, desenvolveu pesquisas na área da homossexualidade, denunciando a homofobia em um de seus trabalhos emo-erotofobia. Homossexual assumido publicamente teve participação na aprovação de sete moções por cinco diferentes associações científicas dentre as quais Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Associação Nacional de Pós-Graduação em ciências Sociais (ANPOCS), Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP) e Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). Representante no Brasil dos homossexuais Acadêmicos assumidos fez política do corpo e foi responsável pela aprovação em Assembleia Geral da SBPC apoiando oficialmente a Campanha Nacional do Movimento Homossexual Brasileiro contra a discriminação sexual junto aos órgãos governamentais competentes. Em 1982 redigiu um texto abrangendo a defesa do principal pleito do movimento Gay naquele momento: extinção § 302.0 da Classificação internacional de Doenças, da Organização Mundial de Saúde, que rotulava o homossexualismo como desvio e transtorno sexual. Ao ser anunciada na Assembleia geral da ABA, a “Moção pela Liberdade Sexual”, uma fervorosa antropóloga indianista, minha ex-colega da USP, não conteve o riso debochado, ignorando que as minorias sexuais representam mais de 10% de nossa população, enquanto os índios não chegam a 0,3%. Tendo sido aprovado a seguinte resolução § 302. O CID da OMS. MOTT, Luiz. Antropologia, Teoria da sexualidade e direitos humanos dos homossexuais.

"orixás", "voduns", "inquices", e "caboclos", segundo a "nação", ou denominação, do templo. Nesse contexto tem-se os sacrifícios de sangue e cerimônias elaboradas de possessão espiritual, os devotos pedem a intervenção dos deuses para melhorar suas vidas e afastar os seus inimigos visíveis e invisíveis. (MATORY, 2008)

### 3. HOMOSSEXUALIDADE E RELIGIÃO NA CIDADE DE PROPRIÁ\SE

Nos liames das questões que envolvem o presente estudo “Sexualidade e Religião: a questão da homossexualidade” encontra-se a institucionalização do Serviço Social imbricado nas práticas religiosas. Preceitos sob os quais se buscou compreender a percepção que as religiões Católica, Protestante, Espírita e Candomblecista têm a respeito da homossexualidade.

Neste capítulo, ocupa-se das análises dos dados das entrevistas que seguem a luz da literatura sob o discurso religioso, no qual a homossexualidade tem seu contexto histórico, apreendendo a importância da temática para o Serviço Social. Onde o mesmo se legitima como um mecanismo de ações religiosas e sociais no Brasil; identificando o posicionamento das religiões e sua relação com o surgimento do Serviço Social no Brasil.

Hoje, as reflexões sobre a homossexualidade demandam de ações sociais e políticas, na consolidação de direitos, como sujeitos sociais, e no fortalecimento do respeito às diferenças pelo exercício a cidadania, donde se apreende a importância da temática para o Serviço Social, diante da legitimação de novos arranjos familiares no enfrentamento das situações de homofobias e dos preconceitos.

Sob esse preceito incide a descrição a cerca da construção histórica da sexualidade compreendida no contexto religioso, quando a lógica em que se pautam o discurso sobre a homossexualidade nas religiões, constitui-se nos princípios da moral, enfim, toda sexualidade humana está intimamente ligada por esse discurso; contexto no qual o fenômeno religioso situa-se em si mesmo entre o sagrado<sup>12</sup> e o profano, um complexo sociocultural, histórico que envolve crenças submetidas a verdades religiosas a mitos e preconceitos (LABURTHE-TOIRA; WARNIER, 1997).

---

<sup>12</sup> O conceito de sagrado é ambíguo - um misto *tremendum, horrendom fascinans*, daquilo que arreia, que provoca espanto e fascínio. O sagrado corresponde ao que está fora da esfera do normal, a mácula e a impureza juntam-se assim à santidade. Etimologicamente, santo e sagrado significam “separado, colocado à parte”. O *sagrado* será assim o oposto do *profano*. Laburthe-Toira & Warnier (1997).



Como afirmam Laburthe-Toira & Warnier (1997), a religião parece ser a mais antiga das manifestações do pensamento, tida pela crítica marxista como uma das superestruturas da sociedade, que determina o papel e o significado expressos em fatos e atitudes, e postula o sentido da existência igualmente entre o visível e o invisível. Considerando que “os homens não podem apreender a totalidade do real; algo lhe escapa, talvez até o essencial. O verdadeiro sentido está “em outro lugar” (Idem, 196).

Nessa dimensão, se entende os princípios e doutrinas em que se baseiam as religiões para aceitação ou não da homossexualidade. Contexto no qual, o estudo traz as religiões: Católica, Protestante, Espírita e Candomblecista, uma escolha que toma por base o panorama das religiões no Brasil, analisando os quatro maiores grupos religiosos de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Segundo os dados do Censo Demográfico - IBGE 2010<sup>13</sup>, apesar da redução do número de adeptos passarem de 73,6% em 2000 para 64,6% em 2010, a religião católica ainda se mantém majoritária, ocupando o primeiro lugar no Brasil. Enquanto cresce o número de evangélicos (protestantes) no mesmo período, quando em 2000, eles representavam 15,4% da população chegando em 2010, a um aumento de 22,2% de seguidores, mantendo-se portanto em segundo lugar no número de seguidores. O espiritismo vem em terceiro lugar, evidenciado, segundo o IBGE, com um crescimento maior do que os que se declaram sem religião. E por fim tem-se o candomblecista, considerando a umbanda e o candomblé estar sendo ressaltados pela pesquisa ocupando um lugar de destaque dentre as demais religiões.

Com base nesses dados se deu a definição do objeto desse estudo quanto às escolhas das religiões e dos líderes religiosos sujeitos da pesquisa: Católica que vem descrita como Líder religioso 1 (um); os protestantes representados pela igreja Batista referenciada como Líder 2 (dois); os espíritas denominados de Líder 3 (três). A escolha do Líder 4

---

<sup>13</sup> IBGE, Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Acesso em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2170&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1)

(quatro), como representante do Candomblé, segue os mesmos princípios, onde Umbanda e o candomblé se destacam em 4º lugar segundo o IBGE.

Para compreender a percepção desses líderes realizou-se entrevista a cada um representante em particular em dias alternados. Tomando-se por base um roteiro de entrevista composto por 5 (cinco) questões que foram gravadas e transcritas conforme a fala de cada representante. Contudo, o líder religioso representante do espiritismo não aceitou que fosse gravada a entrevista nem que a registrássemos escrevendo suas fala. Fato que dificultou o trabalho, porém não o impossibilitou, apenas requerendo assim uma recapitulação das suas falas pela equipe. O líder religioso também ofereceu um texto escrito com os princípios da doutrina acerca da homossexualidade, alegando o mesmo que as respostas buscadas seriam neste encontrado.

No período em que se efetivaram as entrevistas foram realizados outros questionamentos a alguns líderes, visando uma para melhor compreensão das respostas dadas, ou ainda para acrescentar alguns dados que ficaram subentendidos. Todos os que fizeram parte das entrevistas são líderes religiosos em instituições religiosas na cidade de Propriá/SE.

### **3.1 Os Princípios doutrinários das Religiões: Católica, Protestante, Espírita e Candomblecista sobre a Homossexualidade**

Nos princípios do cristianismo a teoria do discurso sobre a homossexualidade opunha-se claramente a mesma por acreditar que devia lidar com os infratores, pois Cristo não havia apresentado um código ético para lidar com essas questões. No entanto, quando o mesmo se depara com o apedrejamento da mulher adúltera ressalta: “aquele dentre vós que não tiver pecado, atire a primeira pedra”, e, para a mulher, - “Vai e não peques mais” é o que ressalta Richards (1993, p.139). Instaure-se, portanto, segundo o mesmo, o perdão e a

compreensão, a homossexualidade era uma ofensa capital com base no Antigo Testamento, uma violação a natureza da procriação, assim um pecado que deveria ser abandonado com o arrependimento e a mudança de vida.

Na visão da igreja, ou seja, da religião sobre os princípios cristãos, a homossexualidade surge como um pecado, que fere a moral, considerando que o sexo nesse sentido não tinha como propósito a procriação. Em nome da moral foi desenvolvido pelos primeiros padres da Igreja um código de ética sexual consagrado em leis morais rigorosas, tendo no Imperador Justiniano (527-65) que ao sentir-se representante de Deus na Terra impôs a pena de morte para os homossexuais (RICHARDS, 1993).

Sobre esses princípios morais religiosos os questionamentos convergiram inicialmente em compreender: - Em quais princípios se baseiam a doutrina da sua religião?

Portanto, os questionamentos feitos aos líderes religiosos participantes deste estudo têm como pressuposto os significados da homossexualidade no discurso das instituições religiosas especificadas e vêm assim contextualizados nas vozes dos mesmos:

*- Os princípios da igreja católica são 3 (Três) fundamentalmente; a palavra de Deus, né, a verdade revelada, aquilo que Deus através dos profetas e dos hagiógrafos é, transmitiram através da própria escrita deixando como herança para toda a tradição cristã. Tem a tradição vinda da igreja sabe agora dos escritos do Santo Padre ou chamado também da famosa quadrológia três mil lacunas, e também a igreja se fundamenta né em toda sua doutrina formulada a partir do magistério que é toda a conjuntura hierárquica dela, tendo como cabeça o papa o seu colegiado cardealístico e com todos os bispos que compõe esta mesma hierarquia. Então os princípios fundamentais da igreja são palavra de Deus, tradição, e magistério. Sempre a palavra de Deus Tudo é vindo da palavra porque a palavra se fez carne e habitou entre nós, é uma palavra viva. Nada foge de Cristo (Líder 1).*

*- Na Bíblia, na palavra de Deus. (Líder 2).*

*- No Evangelho e na oração. Na fé em Deus e na vida, e a certeza das vidas futuras. (Líder 3).*

*- O candomblé a gente se baseia sobre o Cristo que é o nosso, é Senhor do Bonfim. Senhor do Bonfim é a força máxima do candomblé, que é Oxalá.*

*- É o nosso Oxalá, é nosso Deus, de força e poder, e não é diferente a minha do Cristo católico e nem protestante, ah protestante não. Porque o protestante, eles*

*anda com o pau na costa e a gente nós católicos ele fica é o Cristo que morreu e carregou uma cruz, o protestante você pode olhar que é tudo que no fim é com o pau aqui, nas costas pra não valorizar a cruz. Mas nós temos oxalá por sinal que o senhor do Bonfim é o cristo crucificado que morreu que carregou uma cruz. Ele é a força maior do candomblé é onde a gente crê. (Líder 4).*

Há, segundo alguns líderes religiosos, os mesmos princípios da Idade Média onde a Bíblia vem representando a palavra de Deus. Para o líder 1, são três os princípios: a palavra de Deus, a tradição, e o magistério que se resume na verdade em um único princípio que é Cristo, o VERBO que se fez carne. O líder 2 deixa claro que é na Bíblia que se fundamenta a sua igreja.

O líder 3, ao referir-se ao Evangelho e na oração, apesar de não especificar a Bíblia, procura evidenciar na sua fala que os espíritas e cristãos são a mesma coisa, portanto seguem os mesmos princípios.

O líder 4 se volta para ressaltar que o Cristo de sua doutrina religiosa que é representado pelo Senhor do Bonfim, havendo nesse sentido, uma representação simbólica, uma transferência que vem assim representada: Senhor do Bonfim, Cristo e Oxalá. Um Deus que representa força e poder e segundo o mesmo é igual à religião católica com exceção da protestante que não valoriza a cruz.

Surgiram outros questionamentos no sentido de compreender o papel da Bíblia nos princípios dessa doutrina. De forma que o líder 4 assim faz sua interpretação:

*- Nós não usamos a Bíblia porque a Bíblia já vem com tudo do candomblé, é o holocausti as oferendas, aonde corta, o animal, e tudo ali já traz. Se eles os protestantes principalmente os protestantes eles não leem isso porque se ler o pessoal deixa a religião deles e vem aqui pro espiritismo. Vocês leiam o holocausti que ensina até como você corte o animal qual é o lado qui e você cortar pra isso, pra aquilo e pra aquilo outro.*

*- Nos, vivemos sobre as oferendas onde houve um acidente muito grave de Caim e Abel. Caim, ficou com raiva porque Jesus aceitou as oferendas de Abel ele matou o próprio irmão. Então na Bíblia tem as oferendas e no holocausti tem. (Líder 4)*

Há uma interpretação que é justificada por ações, que segundo o mesmo encontra-se na Bíblia, no que ele chama de *holocuti*, onde o mesmo parece estar se referindo ao holocausto<sup>14</sup>, uma vez que as oferendas vêm representadas e justificadas apenas como uma parte do que se encontra na Bíblia, e como uma prática usada pelos candomblecistas, a exemplo das oferendas que os mesmos fazem de animais em sacrifício.

Segundo Hurlbut (2002) o cristianismo impõe sua vitória tanto para o bem quanto para o mal, imperando em todos os tempos e é sobre suas réstias que as demais seitas e religiões surgem com movimentos baseados em pensamentos antagônicos dentro da própria igreja por movimentos que foram perseguidos.

Portanto, com base na literatura, as religiões têm seus fundamentos no cristianismo, ressaltando que os líderes religiosos 3 cristão seguidores de Cristo considera-se evidencia e o líder 4 legitima os rituais afro pela Bíblia ao referir-se as oferendas.

A compreensão desses princípios religiosos se faz importante diante do quadro atual em que se encontra a homossexualidade, fundamentando-se sobre novas constituições sociais e políticas.

Para Torres (2006), a homossexualidade, como toda a sexualidade humana, está diretamente relacionada ao universo constituído pelo discurso místico cristão, uma lógica que vai além de moral e tem uma dimensão religiosa específica. “De forma que as condições contextuais (crenças religiosas, modelos de Igreja, etc.) e históricas (lugar social da Igreja, complexo sociocultural, etc.) influenciaram a constituição desse discurso” (Idem, p. 143). Um discurso submetido a verdades religiosas onde Deus está presente em tudo, portanto onipotente, onipresente e onisciente.

---

<sup>14</sup>O holocausto se refere a sacrifícios e rituais religiosos da Antiguidade, em que animais e até mesmo seres humanos eram oferecidos às divindades, sendo completamente queimados durante o ritual. Na Bíblia Deus pede Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi. Gênesis 22:2. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Holocausto>.

Diante do exposto depreende-se, pois compreender a percepção dos líderes religiosos acerca da homossexualidade.

### **3.2 A Percepção dos Líderes Religiosos sobre a Homossexualidade**

Antes de ressaltar o pensamento das instituições religiosas sobre a homossexualidade faz-se necessário ressaltar o papel da religião nos domínios da vida social, uma história que encarna experiência e espiritualidade religiosa formando o *ethos* de uma sociedade, sendo, pois, referências morais, de valores e costumes que dominam e que já foi confundida com a própria moral, com o direito e com a política, (LABURTHE-TOIRA; WARNIER, 1977).

O discurso da religião sobre a homossexualidade, na verdade, nasce com a igreja católica, como diz Torres (2005) nos intramuros do cristianismo, considerando que o relacionamento entre as pessoas do mesmo sexo não faz parte da sociedade contemporânea, mas sua origem é anterior a Cristo onde era exaltada em algumas sociedades. A partir dos princípios cristãos a moral sexual do cristianismo se opôs à moral sexual do paganismo antigo, logo a homossexualidade se espraia em valores de acordo com as diferentes sociedades e contextos históricos, (GRANÚZZIO, 2007).

Portanto, abrangendo a homossexualidade no discurso religioso, o segundo questionamento se propõe a compreender: - Qual a percepção das religiões sobre a homossexualidade?

*- A percepção própria que a igreja católica tem da realidade dos homossexuais ou da homossexualidade como um todo é a percepção que não vai digamos que de encontro aos princípios da caridade humana, né a igreja católica ela não condena os homossexuais, mas aquilo que vai justamente denigrir a própria fundamentação dos princípios criativos de Deus que é essa prática fora das regras a qual Deus destinou todo homem e mulher né.*

*Então a prática da homossexualidade é uma coisa, a realidade de ser homossexual ou não, é uma coisa então a igreja católica não vai de modo nenhum condenar a pessoa que tem tal tendência ou que se assume assim, mas ela vai reprovar os atos*

*de homossexualidade porque contraria segundo a palavra, segundo a tradição e segundo o magistério o princípio ordenante que Deus criou o homem e mulher. (Líder 1).*

*- A questão toda gente e que não tem como se justificar do ponto de vista genético a homossexualidade, sendo assim, ela é um sistema de vida, é uma opção da pessoa. Quando Freud disse que o homossexual era um perverso, até hoje ele é rejeitado, muita gente não concorda com ele, mas quem entende direitinho e sabe que é realmente vai concordar com ele e vê que é mesmo. Porque ninguém nasce homossexual, isso não tem sentido, a pessoa se faz ou é feito a questão é essa. Nós não chegamos a idade que chegamos ao emocional que somos hoje por conta própria, não, porque nós fomos criado por nossos pais por nossas famílias, né depois pela escola que começamos a conviver. A escola também tem uma influência direta na nossa formação, no contexto social que vivemos, entendeu a cultura que adotamos, ou que nos foi adotada que nos foi introjetada, porque quando a gente era criança a gente não tinha poder de escolha a gente foi conduzido, né.*

*- Tudo que nós aprendemos até hoje, nós fomos conduzidos até hoje, nós fomos conduzidos a isso, então aquele que é homossexual seja masculino ou feminino também é vítima disso, de um contexto que ele não tem direito de escolha, entendeu e quando chega a fase adulta a pessoa não tem muito domínio sobre a situação não tem como você voltar atrás no tempo pra corrigir por conta própria aquilo que foi introjetado em você e fica mais grafado na mente que uma tatuagem, é muito complicado isso.*

*- E a questão da religião é Nós temos um código de ética, nós seguimos a bíblia palavra de Deus.*

*- Então o combate a sexualidade não é porque agente quer é a palavra de Deus que diz assim, e como zeloso observadores e praticantes da Bíblia a gente não vai concordar com aquilo que a bíblia condena. Por que nos deixamos bem claro, aqui, nós não somos contra o homossexual, a pessoa do homossexual, nós somos contra o que ele pratica ao estilo de vida dele entendeu!*

*- Nós não condenamos o homossexual porque Deus ama o homossexual, Jesus morreu na cruz também por ele, pra salvá-lo. Agora o que nos condenamos é a prática deles e o estilo de vida deles, que por escolha ou não, é o que ele vive, é a realidade de vida dele.*

*- Então o que a igreja Batista faz é como zelosa observadora da Bíblia é condenar a prática homossexual, por entender que isso não é Deus porque não fez o homossexual, na nossa percepção Deus fez homem e mulheres e esta na Bíblia lá no gênesis.*

*- Deus criou o homem e a mulher, macho e fêmea os formou está escrito. Então o que passar disso é criação do homem ou mesmo satanás que prejudica nossas almas aí, né, é assim que a gente pensa, tá.*

*- Porque o papel do homem é perverter tudo que Deus criou Por que tudo que Deus criou foi bom e perfeito, ele criou macho e fêmea não qualquer outra pessoa né. (Líder 2).*

*- A homossexualidade é uma patologia uma “provação” ou “expição” que deve ser corrigida, tratada, uma dificuldade de adaptação do espírito a sua condição biológica. (Líder 3).*

*- Eu na minha casa eu não tenho, mas tem vários candomblés no Brasil 99,5% tem homossexual.*

*- No meu não, mas no resto dos que eu conheço aceitam sim. (Líder 4)*

Há opiniões divergentes, quanto à percepção dos líderes religiosos sobre a homossexualidade. A religião na qual se compreende o líder 1, a homossexualidade é vista

sobre os princípios da caridade humana. Princípios nos quais a prática é condenada sob a justificativa de que Deus criou o homem e a mulher, não se condena a pessoa humana que tem tendência ou que se assume, reprovam-se seus atos.

Para o líder 2, que antes mesmo de responder faz ressalvas a questão da sexualidade como algo natural no ser humano, afirmando que o grande problema que banalizou e vulgarizou a sexualidade humana foi o problema de pornografia que sempre existiu e que ficou mais exposta de uns tempos pra cá depois da explosão da internet. Acrescentando que o ser humano ainda continua extremante analfabeto nas questões da sua sexualidade e que a religião também não fica atrás (Líder 2, em conversa antes de responder aos questionamentos).

Portanto, apoiando-se na Bíblia em gênesis onde Deus criou homem e mulher, o mesmo justifica a homossexualidade como um sistema de vida, uma opção pessoal, já que também geneticamente ela não é justificada, e aponta a mesma como uma introjeção social. O que se subentende a aceitação da homossexualidade como um produto desvelado na sociedade, imposta por um conjunto de regras que determinam o que é proibido e permitido.

Para o líder 3 fica evidente a patologia, resultado de pecados onde o corpo que padece deve provocar a busca pelo tratamento dessa alma. Um tratamento espiritual.

A vivência da homossexualidade, nesse sentido não foge ao pecado, porém com finalidades diferentes, que vai desde a vulgarização da sexualidade a uma oportunidade de salvação da alma, do espírito que deve se renovar.

Quanto ao líder 4, sua resposta é dada com uma afirmativa a de que na sua casa não há homossexualidade, diferentemente dos 99,5% Candomblés brasileiros que aceitam.

Essas divergências de pensamentos são, portanto, reflexo do contexto histórico da homossexualidade, cuja concepção ao longo da história vem, segundo Foucault (1988),



passando de problema religioso pecado natural contra a lei divina; desviados, e, competência do estado; a patologia devendo ser tratados o discurso *da scientia sexualis*.

Nesse contexto, Zambrano (2008) ressalta as questões que envolvem a definição do termo homossexualidade relacionada a diversos fenômenos como: distúrbios, acendendo o debate da cura como a castração, o que mais tarde restabeleceu a cirurgia para a troca de sexo, da mesma forma que ocorreu a inversão como um sentimento eleito pela preferência erótica de pertencer a outro sexo. E discorre sobre sua visão para psicanalise quando para Freud a homossexualidade deixa de ser uma patologia, vista como uma variação da sexualidade de ordem libidinal. Até que denominada no final do século XX como homossexualidade, sendo esta utilizada por diferentes profissionais juristas, operadores do direito, psiquiatras, psicólogo, assistentes sociais e na visão de jurídicas.

Nesse contexto, Zambrano (2008) afirma que “é preciso assinalar que, ainda hoje, apesar de não mais aparecer nos manuais de diagnóstico, a homossexualidade não alcança consenso sobre ser ou não uma doença, tanto entre os médicos, quanto principalmente, entre os psicanalistas”, (Idem, p. 54).

Contudo, em termos conceituais, a homossexualidade se define segundo o Conselho Federal de Medicina como uma forma de sexualidade. Portanto retirando em 1985, a homossexualidade, da lista dos desvios sexuais.

Todas as Ciências confirmam: nada distingue um gay ou lésbica dos demais cidadãos, a não ser que os homossexuais amam o mesmo sexo, enquanto os heterossexuais preferem o sexo oposto, e os bissexuais curtem os dois sexos. Ninguém pode ser obrigado a submeter-se a exames médicos ou tratamentos psicológicos, visando mudar sua orientação sexual. (BRASIL, 1996, p. 19).

Logo, tem-se então um conceito de homossexualidade a partir de uma construção social que engloba a perspectiva dos direitos humanos, uma vez que se caracteriza por uma escolha pessoal.

Assim, diante desse impasse cabe então o seguinte questionamento: - Como é discutida a questão da Homossexualidade nessas religiões?

*- Na igreja católica a homossexualidade ela é tratada e vista como digamos que como um desvio deste projeto de Deus do plano de amor de Deus na vida da pessoa, nós não a consideramos a pessoa como uma doente, não a consideramos como alguém que está condenada ao inferno, não consideramos que essa pessoa esteja num caminho sem volta.*

*A gente acredita e encara e trabalha essa realidade na igreja na seguinte perspectiva, na perspectiva de que a prática é reprovada e não a aceção isso é ponto fundamental chave para que a pessoa primeiro busque se mesmo se conhecer, segundo a igreja orienta pela confissão, pela oração e pela orientação psicológica que a pessoa faça o seu caminho interior e busque sempre mais trabalhar aquilo que não conhece ou que possa trazer para si uma realidade diferente daquilo que não está se entender então a igreja inclusive orienta nesse sentido para que a pessoa busque se conhecer melhor e se conhecendo melhor trabalhe aquilo que ela não está conseguindo se entende e nem se encontrar como pessoa.*

*Então a igreja ela trata essa realidade como um meio de que a pessoa possa ter um crescimento pessoal você não é um homossexual, você não é alguém que está destinado a isso, mas você é uma pessoa humana amada por Deus e que não deve se submeter a essa realidade que até mesmo a sua própria natureza reprovada. (Líder 1.*

*- Repare bem é, veja bem a igreja Batista é uma igreja muito aberta, para testemunho, para debate, apesar de que ela tem a sua postura né, contrária. A igreja ela acolhe toda e qualquer pessoa que queira chegar aqui, que queira fazer parte dela, agora, a igreja não, como eu disse, não vai aceitar essa prática. Como geralmente essas pessoas elas não cedem, elas não vão abrir mão disso, dificilmente ela permanece conosco. Nós não podemos nos omitir observando que todo ser humano tem a questão dos direitos humanos cada um vive como quer né.*

*- A igreja não obriga ninguém a fazer parte dela, lógico, nós não temos esse poder, mas se a pessoa quer realmente fazer parte da igreja evangélica ser servo de Deus membro da igreja Batista ela vai ter de abrir mão dessas práticas, evidentemente.*

*- Agora, a igreja não condena ninguém, condena como eu disse as práticas, deles, entendeu, a igreja discute, a gente faz estudo, a gente faz palestras, a gente mostra os prejuízos, porque geralmente as pessoas que defendem esse tipo de vida só mostram o lado bom da coisa, né lógico, só vai mostrar e tentar justificar o porque eles vivem daquele jeito ou elas vivem daquele jeito.*

*- Mas, nós procuramos mostrar também o outro lado da moeda, os prejuízos né. Espirituais, emocionais, psicológicos, físicos também não é, porque as alterações que são feitas no corpo do homossexual fisicamente falando, dificilmente se consegue, num processo de recuperação, dificilmente se consegue, voltar aquela original né. Então a igreja discute sobre tudo isso e respeita e orienta e sabe que as leis estão aí pra ser discutida tanto daqui pra lá pra cá como de lá pra lá né.*

*- O grande problema é que esta tendo essa pressão social pra que as pessoas receitem esse estilo de vida. E assim como eles se sentem no direito de defender o estilo de vida deles como certo, eles também tem que entender que há pessoas que pensam diferentes deles e que tem o direito de pensar diferente.*

*- É lógico, assim como a gente respeita a pessoa do homossexual e condena a prática deles. Eles também devem respeitar os evangélicos como pessoas normais, né, e ainda que eles condenem aquilo que a gente crê e que a gente defende eles precisam respeitar a gente, e não querer impor como existe ai a PL22 não tem essa lei ai que está transitando no Congresso querendo impor goela abaixo, na verdade é essa, impor a força da lei que nós acabamos aceitando esse ponto de vista deles, isso jamais vai acontecer, jamais. Porque isso é uma questão de histórica isso nunca acabou, isso nunca vai acabar. Entendeu!*

- Assim como a gente condena a prática deles, e eles resistem aquilo que os evangélicos pregam e defendem e acha um absurdo o que a gente fala, mas eles têm obrigação também de respeitar, e assim entender que aquilo que eu penso que eu defendo é diferente do seu e você de mim, mas a gente pode conviver com a diferença respeitando o ser humano como pessoa ainda que eu não concorde com a sua prática.

- É isso que a Igreja Batista defende, agora a gente não é inimigo dele não vive perseguindo, nada disso, entendeu, se vão pro inferno ou não, se serão condenados ou não, isso é não eu isso é Deus quem vai julgar no dia do julgamento final. Nós não temos essa postura, a postura, da igreja é pregar o evangelho e anunciar o reino de Deus, é ensinar o propósito de Deus porque tudo que Deus para o ser humano para o homem e para a mulher, e ensinar a sexualidade sadia Bíblica, consciente madura, não é uma coisa feita de qualquer jeito assim, porque tudo que Deus criou é perfeito inclusive o sexo, sendo usado de forma santa correta é um presente de Deus. (Líder, 2).

- Os homossexuais são criaturas que estão buscando purificação pelas faltas cometidas em vidas passadas e estão tendo a oportunidade pela bondade do Pai de se renovarem espiritualmente. E devem ser acolhidos pelas famílias que também foi escolhida pela justiça Divina para ajudar os mesmos a se livrarem de todos os perigos. (Líder 3)

Todos os líderes parece que a seu modo convergirem no mesmo pensamento, ou seja, na possibilidade de uma mudança da prática da homossexualidade. Para o líder 1, que não condena a pessoa humana, mas afirma que ela “é tratada” pois é “um desvio deste projeto de amor de Deus” no qual cabe pelo caminho da confissão as oração, e até pela orientação psicológica para num encontro interior onde se entenda e se encontre como pessoa. E acrescenta então que a igreja trata essa realidade como um meio de que a pessoa possa ter um crescimento pessoal. “Você não é um homossexual, você não é alguém que está destinado a isso, mas você é uma pessoa humana amada por Deus e que não deve se submeter a essa realidade que até mesmo a sua própria natureza reprovada” (Líder 1).

Da mesma forma a posição da igreja expressa pelo líder 2. Consiste na transformação da mudança de atitudes, havendo, pois um trabalho, no sentido de fazer com que se mude de vida, se abra mão das suas práticas sexuais com o mesmo sexo, para que seja aceito de fato como membro dessa igreja. Havendo dessa forma um esclarecimento que segundo o líder se dá mostrando os prejuízos, espirituais, emocionais, psicológicos, físicos, logo discutindo, estudando para justificar o porquê daquela vida. Enfim respeita e orienta.

No olhar da liderança 3, a homossexualidade é discutida sob o ponto de vista da purificação das almas que estão sob a bondade do “Pai”, ou seja de Deus, para que sejam renovadas, e para tanto, elas precisam ser acolhidas para que recebam orientações e se tornem assim livres.

Portanto, não havendo discriminação da pessoa do homossexual segundo as religiões. A crítica vem exposta pela liderança em função da prática, que não é sadia já que não é pregada no evangelho. Assim a discriminação vem revelada de fato no líder 4 que não responde a presente questão por já afirmar que não aceita e não tem na sua casa.

A homossexualidade como já foi dito não se constitui de um fato novo na história da humanidade, sua origem, segundo Gomes (2006, p. 46), remota de uma prática tão antiga quanto à própria humanidade. “Contudo, sua existência e os mecanismos de repressão caminham juntos, uma vez que desde tempos imemoriais já existiam leis que condenavam aqueles que ousavam praticá-la”. Dentre as leis estão conforme Gomes encontra-se o Édito de Constantino II, de 342, que foi retificado pelo imperador Teodósio e condenava os sodomitas à fogueira, assim os visigodos adaptaram suas leis ao Direito Romano cristianizado em 660, onde condenavam os sodomitas à castração.

Essa postura remete a outro elemento na definição homossexualidade quando Santo Tomás de Aquino<sup>15</sup> e Agostinho viam a homossexualidade como uma forma inatural de devassidão; o pior dos pecados, uma injúria para Deus. Essas eram concepções disseminadas que refletia na opinião popular e predominavam em toda a sociedade. (RICHARDS, 1993).

Sob esses princípios a igreja hoje afirma não condenar e não julgar a homossexualidade, mas coloca-se contra a sua prática, exigindo deles o respeito mútuo. O que parece diferir as posições na Idade Média consiste apenas na luta pela liberdade de expressão pelos direitos iguais a cidadania e pela convivência respeitosa.

---

<sup>15</sup> Santo Tomás de Aquino – autor da obra *suma Theologiae* (c. 1266) in Richards, 1993.

Partindo desses pressupostos, se questiona aos líderes religiosos: - É possível um homossexual assumido fazer parte dessa doutrina religiosa? Quais as condições? Por quê?

*- É possível sim! Até porque o reino de Deus é para alguns. O reino de Deus é para todos! E para a igreja católica para todos os batizados. Porque a igreja batizada ela de jeito nenhum é excluída do seio materno que é a própria igreja.*

*Mas quais as condições que o homossexual assumido venha integrar esta mesma igreja fazendo parte efetivamente dela. Deixando a prática da homossexualidade e buscando conhecer-se mais, através oração, do mecanismo da confissão, através do apoio psicológico cristão né, porque não adianta ir pra um psicólogo qualquer que vá dizer é normal que nada! Vá ser feliz assim mesmo, porque se seus instintos pedem isso você também tem que se ceder.*

*Bom, se vou ser ceder a todos os instintos então ai também os pedófilos tem que ser absorvidos, né os estupradores tem que ser absorvidos, aqueles todos que tem desvio de personalidade ou que trás em si qualquer realidade que por conta de que eu gosto, eu me sinto bem de fazer isso eu devo fazer, então agente vai duvidar de muita coisa.*

*É preciso assim, trabalhar internamente, repito, primeiro pra se conhecer e depois pra reencaminhar ou devolver em estado original aquilo que Deus criou em perfeita harmonia e que por um motivo ou outro durante o caminho agente foi perdendo seu sentido de originalidade*

*Porque os instintos não estão pra ser seguidos ou estão pra ser seguidos e muito menos colocados em estado satisfação. (líder 1).*

*- Rigorosamente não! Rigorosamente não! A não ser que ele mude de vida, a não ser que ele se converta, a não ser realmente, nos cremos que Deus tem o poder de transformá-lo, entendeu! Como temos um exemplo de pastor me parece que em Mato Grosso do Sul, eu vi um vídeo dele uma vez ai, em que ele era realmente homossexual mesmo, né, e tinha os peitos grandes e ele eu já deu esse testemunho então e ao se converter ele então foi transformado por Deus mesmo.*

*- Ele passou por um processo de cirurgia de tudo pra voltar a ser o homem que era antes. Lógico que, com dificuldades fica sempre uns resquícios na voz da pessoa, mas ele se casou, constituiu família, mas é muito complicado.*

*- É um processo muito mais difícil, do retorno né, mas pra que a pessoa participe de uma igreja Batista como a nossa por exemplo, ele vai ter que passar por um processo de mudança muito radical, muito rigoroso, porque a igreja vai ter as resistências normais naturais, assim também como uma mulher como se fosse uma prostituta, ela pode se converter tornar uma serva do senhor. Sem dúvida.*

*- A gente costuma dizer que o céu é cheio de ex. Ex-ladrão, ex-prostituta, ex-homossexual, ex-traficante ex-assasino, ex-mentiroso, ex, ex-tudo.*

*- Então, a igreja é um laboratório espiritual, a igreja é um local de preparar pessoas pro céu pra eternidade, entendeu, a igreja tá ai para levar as pessoas a fazer um processo de cura, mesmo, agora é complicado, porque se eles vão ter as exigências dele a igreja também tem. Se ele realmente passar por um processo, se essa pessoa por um exemplo uma lésbica passar por um processo de cura de espiritualidade e transforma agora tem que demonstrar realmente transformação de vida. Agora na condição de homossexual não tem como. (Líder 2)*

*- Sim, porque o que ele faz aqui é evoluir a alma.*

*- Com os encontros aqui ele vai entender que tudo que vivemos é consequência da vida passada um desajuste a ser corrigido. Se ele entender que a homossexualidade é um problema pra ele, ele vai corrigir. Se não, ele vai deixar do mesmo jeito, e continuar frequentando o centro. Não vai sofrer critica porque ele praticar a homossexualidade. (Líder 3).*

*- Na minha casa ele não vai ficar.*

*E determinada vez no estado de alagoas dá obrigação do santo dele.*

- *Na minha casa eu não vou dizer que ele vai ficar, porque eu já no estado de alagoas, Se eu vou fazer a limpeza de casa de ai vai sujar de lama. Então eu vou fazer limpeza*

- *Eu acho que pra mim dinheiro não vale pra mim eu tenho certeza que quase todos os baba orixás 98% são homossexuais eles chamam a atenção (Líder 4)*

Sob os princípios de que a igreja é mãe, e que a mãe não abandona seu filho, o líder 1 afirma que é possível, pois o reino de Deus é para todos. Entretanto, como membro da igreja ele terá condições que deixe a prática da homossexualidade e busque conhecer-se pela oração e pelo acompanhamento de um bom psicólogo, ou seja, de um psicólogo dentro dos princípios cristãos. Justifica-se que não se pode ceder a todos os instintos, sob a condição de que deverão ser absorvidos outros desvios de personalidade como: pedófilos e estupradores.

A expressão do líder 2, revela o preconceito num discurso moral conservador representado por suas expressões ao afirmar veementemente – *“Rigorosamente não! Rigorosamente não!”*. E ao exigir que haja uma mudança de vida, a crença no poder de Deus de transformação remete então a Idade Média quando Richards (1993, p.150) assim descreve: *“O pecado tem de ser destruído pelo fogo e extirpado da sociedade. – “Ao fogo!” esbravejava São Bernardino em assembleia”*.

A homossexualidade, hoje, não tem mais o fogo, a morte, mas o laboratório espiritual, o lugar de preparar para o céu, no caso a igreja. Nesse debate, dois aspectos podem ser considerados na fala do líder 2, a mudança com a cirurgia que transforma o corpo e a conversão que transforma a alma. A alma que também vai evoluir conforme expressa o líder 3 diferentemente, porque ele permanece na igreja pra entender e se corrigir, podendo não aceitar mudança continua livre pra continuar frequentando. Fato que não é possível no discurso do líder 2.

Na expressão do líder 4 é preciso fazer a limpeza na sua casa mesmo que 98% dos baba orixás sejam homossexuais. É legítimo o preconceito, pois o mesmo continua com seu posicionamento de não aceitar em sua casa. E diante do caso narrado busca-se compreender

os fatos e se questiona: - Caso eu fosse homossexual e quisesse entrar no candomblé do Senhor eu teria que deixar de ser homossexual pra poder o Senhor me aceitar? Pra entrar no candomblé tem que deixar de ser, mas os outros candomblés aceitam? - É. Eu tenho certeza que quase todos os baba orixás 98% são homossexuais eles chamam a atenção.

Nota-se que é precisa a ideia de que a igreja prepara, corrige, cura e que faz a intermediação de Deus na terra; diante do exposto a homossexualidade parece ser definida como um problema possível de cura. Os argumentos religiosos sobre a condição da homossexualidade têm como um processo de transformação no qual, apesar de deixar resquícios, é possível corrigir.

Nesse contexto, Marcelino (2010) evidencia que as expressões sexuais são vistas como patologia ou padrão de desvio, percebidas por alguns segmentos da sociedade como igrejas, grupos e profissionais conservadores, como patologia, desvio ou perversão. Sendo esta visão, ainda resultado “da patologização da homossexualidade que até bem pouco tempo permeou o campo da saúde e da ciência como desvio ou distúrbio”, (Idem, 2010, p.1). O que para a mesma falta aparatos teóricos que venham ajudar na compreensão e nas mudanças da sociedade, ou seja, é preciso de estudos que se voltem para a compreensão da homossexualidade como escolha pessoal.

Bonfim (2011) apresenta nesse contexto a liberdade de expressão homossexual fundada na dignidade da pessoa humana e ressalta que ela:

[...] coexiste com a liberdade religiosa e com a manifestação que dela decorre garantidas igualmente pela Constituição, não havendo espaço no Estado Democrático para qualquer tentativa de restringir a liberdade religiosa ou de consciência, e suas lícitas expressões ou manifestações, (BONFIM, 2011, 71).

Desse modo, atenta-se nesse processo a compreensão da liberdade religiosa a todos com a livre escolha. No entanto, a lei não se volta para as religiões que têm suas

próprias normas para comportamentos e condutas religiosas; de forma que quem não atenda a essas normas também estará fora dela. Os discursos das religiões, ou seja, as doutrinas pelas quais as mesmas são regidas têm nos seus princípios condições para a existência da homossexualidade onde a igreja trabalha para *“reencaminhar ou devolver em estado original aquilo que Deus criou em perfeita harmonia e que por algum motivo ou outro durante o caminho agente foi perdendo o seu estado de originalidade”*. Ou simplesmente pelo fato de chamarem atenção o dinheiro vale para ter a sua presença.

Nesse contexto se questiona: - Qual a determinação caso seja descobertos homossexuais entre representantes da sua instituição religiosa?

*- Bom, devido a inclusive alguns escândalos que aconteceram né já algum tempo estourando na Europa e chegando ao Brasil inclusive, é de casos de pedofilia, pedofilia não somente entre sacerdotes masculinos, mas femininas também, de meninos também, mas a mídia geralmente só divulga algumas facetas né pedófolos e homossexual de pedófolos, mas envolvendo meninas, mas alguns casos envolvendo meninas também chegando na igreja católica.*

*Dentro da perspectiva de entrar no seminário o candidato já é avaliado no seu modo comportamental, não se é mais afeminado ou menos afeminado, mas se eles têm algum caso que já aconteceu, que é publico se sabe não que a igreja vá esmiuçar a vida do povo, pra, mas de saber se aquele candidato ele está apto para se tem alguma coisa que vá o denigri mais tarde no estado clerical ferir então a igreja trabalha na perspectiva antes de entrar no seminário de buscar suas raízes familiares e seus traços de personalidade, encaminhando pro psicólogo inclusive se desavio for o caso se tem algum alguma coisa,*

*E no caso dos ordenados é bem mais grave em que sentido, hoje o vaticano não mais espera buscar prova concreta se tem algum indicio a pedofilia a não vivencia do celibato.*

*Mas pro ordenados, o vaticano não mais espera buscar provas concretas, mas se por acaso tem algum indicio, alguma realidade alguma coisa, ou seja, a pessoa perde o sacerdócio num processo de dois ou três anos. (Líder 1).*

*- A princípio ele é chamando pela liderança da igreja, pelas pessoas que trabalham na liderança espiritual da igreja, pra ter uma conversa com essa pessoa e normalmente vai colocar regras da igreja, sua posição e vai exigir dessa pessoa um posicionamento. Se ele realmente muda o seu comportamento, ou ele pode passar por um processo de exclusão do movimento da igreja.*

*- Quando a pessoa simpatiza com igreja evangélica ele se vincula, ele passa a ter seus direitos e seus deveres daquela instituição, mas quando ele pratica algo que a igreja reprova que a igreja não concorda baseado na Bíblia eu volto a dizer e frisar novamente então é dado a ele a oportunidade de mudança.*

*- Sempre que ele precisar ele mudar demonstrando mudança de vida.*

*- Mas ai é o seguinte, se ele insiste em não mudar, normalmente a igreja vai excluir do movimento dele. Não impede que ele frequente, porque a igreja ela é aberta pra qualquer pessoa que queira frequentar os seus cultos, agora ele perde o direito de fazer parte diretamente daquela instituição. Ele pode ser um visitante, um frequentador. Agora como já aconteceu em muitas igrejas por ai, graças a Deus no*



*caso não, mas isso não quer dizer que possa acontecer possa acontecer. Agora fazer parte daquela comunidade religiosa na condição de homossexual não fica mesmo, ele não fica porque a igreja o leva ele a uma exclusão. Ele perde seus direitos de membros parcialmente. Isso depois de ser trabalhado com a pessoa o tempo que for necessário pra ele que demonstre arrependimento ou queira mudar de vida. (Líder 2)*

*- Os homossexuais não são passíveis de crítica e como não existe 3º 4º ou outro sexo esse desajuste deve ser corrigido, logo amparado com respeito e tratado. Que eles deixem a condição. (Líder 3)*

*- Se vier um baba orixá na minha casa ele entra dança, eu agradeço a ela porque veio. Ele pode dançar, mas pra ficar na minha religião não.  
- Eles chamam muito a atenção e eu não gosto daquilo é muito ai!, não sei o que, ai!. Aquilo ali me mata. Eles gostam de aparecer. (Líder 4)*

Acentuando o debate da homossexualidade no contexto da religião o líder 1 menciona os fatos que envolveu e ainda envolve a igreja, muitos dos quais divulgados na mídia, envolvendo escândalos com a pedofilia na igreja. Para tanto, o mesmo ressalta que essa é uma realidade que ocorre não apenas entre os sacerdotes do sexo masculino, mas com as religiosas femininas. O que tem levado um cuidado maior por parte da igreja quando ainda na entrada no seminário, destacando uma avaliação de comportamento para evitar que alguma coisa possa denigrir o estado clerical e ferir a igreja. Já para os sacerdotes bastando então o indício para não mais vivenciar o celibato.

A igreja, segundo Richards (1993), nos séculos XII e XIII testemunhou a homossexualidade entre os padres, sendo esta vista como uma ameaça para a igreja que se apressou em enfrentar o problema criando um código sistemático e coerente com as leis da igreja em substituição ao anterior. Assim, o Quarto Concílio Laterranense de 1215 estabeleceu a inquisição para investigar as ofensas morais e condenar os eclesiásticos impôs a obrigação da confissão e ordenou as investigações sistemáticas.

A igreja vivenciou nessa época um sentimento que ia de encontro com a homossexualidade relacionado à xenofobia acentuada pelas cruzadas, que ressaltava histórias de atrocidades homossexuais contra cristãos, crianças e coléricos e a sodomização de todas as camadas sociais.

Quanto a determinação, caso seja descobertos homossexuais entre representantes da sua instituição religiosa, o líder 2, que insiste na posição das regras da igreja e que segundo Zambrano (2008, p. 131), em sua pesquisa ver o discurso religioso como promotor de medo que aciona a defesa da família em relação aos homossexuais, o que a mesma defende ser um discurso defensivo plantado pela igreja.

Portanto, o argumento religioso do líder 2 se expressa por dois caminhos: ou muda ou é excluído.

O discurso do líder 3 por si só revela a determinação da religião quando afirma que não existe um 3º e 4º sexo, mas há o apoio e o respeito.

Já no líder 4 permanece a negação com a não aceitação; agora justificada pelo fato de chamarem estes a atenção.

As pesquisas realizadas por Natividade (2010) enfatizam que as religiões de matriz africana foram identificadas como as mais abertas à inclusão de homossexuais nos cultos, em contraposição às posturas históricas de resistência da Igreja Católica e de igrejas Evangélicas, no entanto o líder 4 evidencia seu preconceito afirmando até agradecer a presença do mesmo, porém não aceitando este na sua religião.

A religião em relação à sexualidade tem sido um instrumento ideológico e político-social, de forma que tem orientado os indivíduos para “uma moral, na maioria das vezes, negando sua sexualidade”, (SILVA, S/D, p.3).

Nesse contexto, Hurlbut (2002) descreve em sua obra História da Igreja Cristã destacando a igreja cristã em todas as épocas, quer na passada, presente ou futura, é formada por todos aqueles que creem em Jesus de Nazaré, o Filho de Deus. E esse ato de crença indica que se aceita esse Cristo como Salvador pessoal e sob esses princípios que os líderes religiosos impõe a mudança de vida ou como afirma da prática condenada para que sejam feitas as vontades de Deus. Nessa perspectiva se compreendem a salvação da alma.

### **3.3 O papel do Estado e a contribuição do Serviço Social frente à problemática da homofobia**

A legitimação do Serviço Social se dá como mecanismo de ações religiosas e sociais no qual a questão social se perfila nos movimentos de luta de classe, como afirmam Iamamoto e Carvalho: “os núcleos pioneiros do Serviço Social, surgindo como ramificações da Ação Católica e da Ação Social, têm sua base social definida pela composição do bloco católico”, (2008, p. 216).

A história do Serviço Social se deu no plano doutrinário e legislativo sob a inspiração católica inscrita na luta da igreja em defesa do povo das influencias negativas da força da sociedade, promovendo a reinserção social, com uma educação voltada para a melhoria dos costumes da população. Os assistentes sociais nesse sentido têm suas funções voltadas à família operária, ao matrimônio, da educação, dos cuidados com os filhos, dos menores delinquentes e dos enfermos, ações que tinham como finalidade a melhoria dos bons costumes propiciados com base nos fins católicos, (MARINQUE CASTRO, 2000).

Segundo Simões (2005, p. 37) o “Serviço Social brasileiro não surgiu para que houvesse uma clara diferenciação entre a assistência social religiosa e a profissionalização, mas para qualificar o apostolado social, aumentando, assim, a eficiência de suas ações religiosas”. Assim se compreende o papel da igreja e das instituições religiosas ligadas ao ofício da caridade, da proteção social, portanto, no início da profissionalização os assistentes sociais assumiram funções paramédicas e para-jurídicas.

Assim, compreendendo o contexto histórico do Serviço Social e suas bases religiosas, Simões (2005) evidencia as relações de identidade da prática da assistência com o catolicismo, o protestantismo e o espiritismo. Portanto, a pesquisa se assenta na perspectiva

de apreender a importância da temática da homossexualidade para Serviço Social, partindo do princípio que a assistência social se compreende na luta contra o preconceito, amparando-se pelo Código de Ética Profissional em defesa da garantia dos direitos cujo debate se volta para a livre orientação e expressão sexual.

Sob esse preceito, ocorre em maio de 2006 o XXXIV Encontro Nacional CFESS/CRESS onde foi aprovada a Campanha Nacional pela Livre Orientação e Expressão Sexual<sup>16</sup>. Decorre desse encontro do CFESS em parceria com o DIVAS - Instituto em Defesa da Diversidade Afetivo-Sexual, indicações para a materialização da Campanha contra o preconceito a homossexualidade a homofobia.

Assim, com base no Conselho Federal de Serviço Social – CFESS, no uso das suas atribuições legais e regimentais conferidas pela Lei 8.662/93, que regulamenta a profissão do Serviço Social, e sob os princípios da Declaração Universal dos Direitos humanos onde se prevê a liberdade e igualdade de direitos onde todos já nascem livres, e da Declaração de Durban que alia ao princípio da igualdade a não discriminação, estabelece por meio da Resolução CFESS nº 498 de 03 de junho de 2006 normas que vedam a conduta discriminatória ou preconceituosa, em função da orientação e expressão sexual por pessoas do mesmo sexo, no exercício da sua profissão.

O preconceito vem materializado em diferentes modalidades das práticas afetivo-sexuais, inserida na história da sexualidade e da humanidade manifestadas contra toda forma de manifestação da homossexualidade: gays, lésbicas e bissexuais que se assumem, constituindo-se em alvo de discriminação, no ambiente de trabalho, na família, em participações políticas e nos espaços de lazer. Como afirma Mesquita (2001): as diferenças no

---

<sup>16</sup> Assistente Social na luta contra o preconceito: campanha pela livre orientação e expressão sexual. Promoção: Conselho Federal de Serviço Social e Conselhos Regionais de Serviço Social. Parceria: DIVAS – Instituto em Defesa da Diversidade Afetivo-Sexual acesso em: [www.cressrj.org.br/download/arquivos/orientsexual\\_cress.doc](http://www.cressrj.org.br/download/arquivos/orientsexual_cress.doc) Brasília/DF, Maio de 2006.

jeito de ser e viver constituem uma arena fértil para a manifestação de opressão que envolvem raça, etnia, gênero, orientação sexual.

Percebe-se, portanto, nesse contexto, que se volta às ações do assistente social no exercício da sua profissão, difundindo a cultura dos direitos humanos numa abordagem crítica contra a intolerância da não aceitação da diversidade sexual, na qual o preconceito e a discriminação se expressa nas relações sociais com base na resolução CFESS nº 489/2006,

Art. 1º - O assistente social no exercício de sua atividade profissional deverá abster-se de práticas e condutas que caracterizem o policiamento de comportamentos, que sejam discriminatórios ou preconceituosos por questões, dentre outras, de orientação sexual;

Art. 2º - O assistente social, deverá contribuir, inclusive, no âmbito de seu espaço de trabalho, para a reflexão ética sobre o sentido da liberdade e da necessidade do respeito dos indivíduos decidirem sobre a sua sexualidade;

Art. 3º - O assistente social deverá contribuir para eliminar, no seu espaço de trabalho, práticas discriminatórias e preconceituosas, toda vez que presenciar um ato de tal natureza ou tiver conhecimento comprovado de violação do princípio na Constituição Federal, no seu Código de Ética, quanto aos atos de discriminação por orientação sexual entre as pessoas do mesmo sexo, (CFESS, p.161).

O papel do Serviço Social, na ação dos profissionais dos assistentes sociais, consiste na postura crítica de orientação contra o preconceito, contra os abusos, e todas as formas de discriminação sexual. O que significa está comprometido com a garantia dos direitos humanos, agindo de forma ética, com base nos princípios ideológicos da profissão. Pois como destacam Iamamoto e Carvalho (2009), o Código de ética profissional de 1993 tem pilares básicos que reconhecem a liberdade como valor ético central, em defesa acirrada dos direitos humanos, recusando o arbítrio e o autoritarismo, ampliando e consolidando a cidadania, portanto em defesa da democracia. E é nesse contexto que se volta o Art. 5º da Resolução CFESS Nº 489, ao descrever o dever do assistente social denunciando atos e manifestação contra o preconceito e a discriminação por orientação sexual entre pessoas do mesmo sexo.

Nessa concepção teórico-crítica notam-se os direitos humanos que se particulariza o debate em torno da homossexualidade e da sexualidade como construção sócio histórica imersa no campo da religião. Tendo em vista a relação construída ao longo da história entre sexualidade e religião e a promoção do debate no campo atual acerca do respeito do acolhimento que envolve o convívio com a diversidade.

Segundo Marcelino (2010), as questões que envolvem a homossexualidade traz novos desafios para o Serviço Social, uma vez que há uma fragilidade em se trabalhar com o público homossexual,

A visibilidade e expressão da homossexualidade trazem para o novo milênio uma reconfiguração da sociedade e aspectos que implicam nos princípios e agir profissional. Em outras épocas quando a homossexualidade era velada e punida, essas questões embora presentes no âmbito do serviço social, não o confrontavam pelo fato da sexualidade não ser um assunto público. As necessidades e direitos básicos a ele relacionados se tornavam opacos (MARCELINO, 2010, p 2.).

No contexto atual o agir profissional do assistente social se determina na luta pelos interesses dos grupos sociais discriminados e oprimidos, portando, uma nova demanda inserida no projeto ético-político do Serviço Social, comprometido com as transformações sociais e diante de um quadro de preconceitos, diante das dificuldades de acesso da população que vivenciam sua homossexualidade em diversos espaços e serviços públicos e dos crimes homofóbicos, resultados da acintosa intolerância e discriminações divulgadas nas mídias de agressões, ameaças físicas e verbais, psicológicas e jurídicas, (MARCELINO, 2010).

A luta pelo preconceito como assevera Marcelino (2010) se dá por meio de “ações políticas concretas acerca da discussão da homofobia/lesbofobia caracterizada não somente pelas práticas de violência ocorrida com esse público, mas também a negação de direitos e a violação da dignidade humana desses sujeitos”. E Para os quais devem também voltar-se as políticas públicas sociais, pois as lutas por direitos sociais impõe o avanço de democracias liberais, levando o Estado a envolver-se progressivamente, numa abordagem

pública da questão, constituindo segundo Yazbek (2010) em novos mecanismos de intervenção nas relações sociais como legislações laborais, e outros esquemas de proteção social. O que segundo a mesma o Estado assinala a questão social com base na estrutura organizacional da sociedade a partir dos conflitos e das contradições que a permeiam e, portanto, recorrendo a Castel (2005, p. 1992) que ressalta que a proteção social é condição para construir uma “*sociedade de semelhantes*: um tipo de formação social no meio da qual ninguém é excluído”. O direito de ser protegido compreende-se do ponto de vista social como direito das condições sociais mínimas para ter independência.

Nesse estado democrático de direito que a atuação do Serviço Social se volta para a vivência da homossexualidade como expressão da realidade, para as quais devem voltar-se as políticas de proteção social, considerando que ninguém pode ser excluído da sociedade. Esse é, portanto, um dos grandes desafios do Serviço Social diante da atual conjuntura:

Para alguns profissionais e para os acadêmicos do Serviço Social, as questões pertinentes à população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) são desconhecidas ou pouco compreendidas, isso se dá talvez, pelo fato de que diversidade sexual ainda não faz parte dos discursos acadêmicos e poucas são as universidades que incluem essa temática na formação dos profissionais. Essa relação ao trabalho e as demandas como reflexo da realidade, reconfigura a ação particular de cada profissional e suas relações. Nessas reconfigurações que as estratégias e intervenções traçam novos caminhos para o Serviço Social, (MARCELINO, 2010, p.3-4).

A reflexão da prática do Serviço Social exige nesse contexto o conhecimento, ou seja, pela compreensão dos princípios fundamentais da profissão, indicando, dessa forma, que os profissionais (assistentes sociais) aprofundem seus conhecimentos, pois segundo Marcelino (2010, p. 7) a luta por direitos iguais numa sociedade que se alimenta das desigualdades e estigmatiza “o outro” pelas diferenças é o desafio que atravessa as inúmeras demandas do cotidiano dos assistentes sociais.

Nesse contexto de luta têm-se os movimentos direcionados a sistematização de políticas públicas sociais voltadas para a questão da homossexualidade, configurando-se na

efetivação do estado democrático de direito como estratégias para a construção de políticas pública a partir de diversos movimentos sociais.

De forma que orientando-se pelos princípios da igualdade e respeito à diversidade, da equidade, da laicidade do Estado, da universalidade das políticas, da justiça social, da transparência dos atos públicos e da participação e controle social, ocorre a 1ª Conferência Nacional realizada em Brasília entre 5 e 8 de junho de 2008, voltada para o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos traçando diretrizes e ações para a elaboração de Políticas Públicas voltadas a mobilizando o Poder Público e a Sociedade Civil Organizada na consolidação de um pacto democrático (BRASILIA, 2009).

Dentre os objetivos da Conferência, além da promoção dos direitos à vida, à liberdade (disposto no art. 5º da Constituição Federal), encontram-se a promoção dos direitos sociais da população LGBT brasileira, em situação de risco social e exposição à violência; e combate ao estigma e a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. Tomando como princípio o estado democrático de direito que não pode aceitar as práticas sociais e institucionais que criminalizam, estigmatizam e marginalizam as pessoas por motivo de sexo, orientação sexual e/ou identidade de gênero.



## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A guisa de considerações antes de respondermos aos questionamentos a que se propõe a pesquisa é preciso sumariamente ressaltar a construção histórica da sexualidade no contexto religioso, permeando a vida da humanidade em diversos momentos históricos, políticos, ideológicos, e culturais. Presente desde as sociedades pagãs a cristã do Ocidente ao Oriente, a sexualidade norteia a vida dos povos em diversos campos simbólicos, dos ritos de passagem, ao sexo natural e divino, as práticas sexuais condenadas.

A homossexualidade em algumas civilizações, a exemplo da Grécia, Roma, Atenas, e no Oriente como a Índia e Japão era aceita e elevada à categoria de divina. É somente com o advento do Cristianismo e da presença da igreja católica, muito mais tarde na Idade Média, que a homossexualidade, ou seja, as relações entre pessoas do mesmo sexo, passam a ser uma prática abominável aos olhos da sociedade, sendo, portanto, um pecado contra a natureza divina por ir de encontro aos princípios morais da época.

A partir dos séculos XVIII e XIX abre-se o debate no campo da medicina sobre as relações sexuais entre as pessoas do mesmo sexo, estendendo-se as discussões no seio da sociedade donde surge a concepções da homossexualidade caracterizada como doença nas áreas da psiquiatria, da jurisprudência e da própria literatura. No século XX as ideias de Freud revolucionam, apresentando a homossexualidade como organização do psiquismo humano compreendida por uma ordem libidinal inconsciente. Mas é também a partir dos meados deste século que os movimentos sociais surgem contra a homofobia e a discriminação, determinando no campo das políticas públicas uma nova identidade sexual vivenciada por lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais – LGBT.

Nesse contexto, é importante compreender as posições das religiões: Catolicismo, Protestantismo, Espiritismo e Candomblecista em relação à homossexualidade; os princípios e doutrinas pelos quais se baseiam essas religiões para aceitação ou não da homossexualidade. Tanto a igreja Católica, a Protestante, o Espiritismo e o Candomblecista na visão dos seus líderes religiosos na cidade de Propriá/SE, tem-se por base a palavra de Cristo expressa de formas diversas por cada religião, assim Cristo é visto como a palavra viva se expressando no Evangelho. ELE está em Oxalá e enfim tudo se justifica na Bíblia, num VERBO que se fez carne e habitou entre nós.

Amparadas em seus princípios doutrinários, convergindo e divergindo, em suas concepções as religiões apresentam seus discursos sobre a homossexualidade compreendendo a mesma como um desvio de comportamento possível de ser colocado em ordem, um caminho que pode ser corrigido, uma prática condenada sob os princípios morais, um pecado que vai de encontro ao que Deus determina ao criar o homem à mulher para procriarem.

Com base nessa determinação, e em outras, como a passagem Bíblica que diz: com homem não te deitarás, como se fosse mulher, Levítico 18:22; a abominação a homossexualidade pela igreja é compreendida também dentro do candomblé quando o líder 4 expressa que apesar dessa religião ser uma das que aceitam a homossexualidade, ele de modo particular, não aceita por princípios próprios. Um pré-conceito que se estabelece na pessoa do líder e não dos princípios doutrinários da religião em si. Da mesma forma que abominação se revela na não aceitação quando da expulsão de líderes religiosos que ao vivenciarem a homossexualidade dentro da igreja são, portanto excluídos da desta.

Sendo, pois importante evidenciar que os princípios religiosos, ou seja, os princípios doutrinários que seguem cada igreja emergem sob a réstia da igreja católica, indo contra alguns de seus princípios doutrinários, no entanto ao olharem a homossexualidade dentro da igreja apesar da aceitação da pessoa, a prática é condenada.

A igreja diante da homossexualidade assume o papel de salvadora com possibilidades de reverter às tendências, e as introjeções sociais acreditando no seu poder salvação apontando: a confissão, orientação psicológica, a oração como caminho para melhor se conhecer e mudar de vida. Ressalta-se, portanto a homossexualidade apreendida no seio das religiões Católica, Protestante, Espírita e Candomblecista na cidade de Propriá/SE, arraigada em preconceitos e discriminadas como um comportamento condenado sob os princípios doutrinários de cada religião.

Por fim, ressaltando o papel do Serviço Social apreende-se sua importância diante da questão da homossexualidade orientando-se pelos princípios da igualdade pelo respeito à diversidade, diante da laicidade do Estado, voltando-se, pois para a proteção social de uma sociedade de semelhante onde ninguém é excluído e, portanto tem o direito de ser protegido.

## REFERÊNCIAS

BOMFIM, Silvano Andrade do. **Homossexualidade, direito e religião: da pena de morte à união estável. A criminalização da homofobia e seus reflexos na liberdade religiosa.** Revista Brasileira de Direito Constitucional – RBDC n. 18 – jul./dez. 2011. Acesso em: <http://www.esdc.com.br/RBDC/RBDC-18/RBDC-18-071> Consulta em outubro de 2012.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. Manual do Multiplicador - Homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.

\_\_\_\_\_. LOAS Lei Orgânica de Assistência Social, Lei nº. 8.742, de 7 de dezembro de 1993, publicada no Diário Oficial da União – DOU de 8 de dezembro de 1993.

\_\_\_\_\_. Código de ética do/a assistente social. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. - 9. ed. rev. e atual. - [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social, [2011]. “Atualizado em 13.3.1993, com alterações introduzidas pelas Resoluções CFESS nº 290/94, 293/94, 333/96 e 594/11.

BRASÍLIA. Secretaria Especial dos Direitos Humanos Presidência da República . Plano Nacional de Promoção da Cidadania e dos Direitos Humanos de GLBT. Maio de 2009.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CORINO, Luiz Carlos Pinto. “**Homoerotismo na Grécia antiga – homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades**”. BIBLOS - Revista do Departamento de Biblioteconomia e História, Vol. 19 (2006).

CROWLEY, Aleister e LIGVORI, Fernando Aiwass. **Rituais, Documentos e a magia sexual da Ordo Templi Orientis.** (2008). Acesso em: [www.freewebs.com/nakhiel/Rituais%20e%20Magia%20Sexual%20-%20OTO.doc](http://www.freewebs.com/nakhiel/Rituais%20e%20Magia%20Sexual%20-%20OTO.doc) Consulta em outubro de 2012.

BRASIL. **Código de ética do/a assistente social.** Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. - 9. ed. rev. e atual. - [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social, [2011].

DESPRATS-PÉQUINOT, Catherine. **A psicologia da vida sexual.** Tradução Marina Appenzeller, Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.

DIAS, Alfrancio Ferreira. **Ser” ou “não-ser” homossexual? Eis a questão - o homoerotismo no Brasil. Fórum identidade e alteridades: diálogos (im)pertinentes.** Revista FÓRUM IDENTIDADES, Ano I, V. 2, 2007.

DIETER, Cristina Ternes. **As raízes históricas da homossexualidade, os avanços no campo Jurídico e o prisma constitucional.** (2012). Acesso em:

[http://www.ibdfam.org.br/\\_img/artigos/As%20ra%C3%ADzes%20hist%C3%B3ricas%2012\\_04\\_2012.pdf](http://www.ibdfam.org.br/_img/artigos/As%20ra%C3%ADzes%20hist%C3%B3ricas%2012_04_2012.pdf). Consulta em agosto de 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Vontade do Saber, em História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1988, Vol. I.

GOMES, Veronica de Jesus. **Inquisição e a Sodomia Religiosa: o pecado nefando em Portugal e na América Portuguesa**. Monografia apresentada ao Centro de Ciências Humanas da Universidade Veiga de Almeida – UVA. Rio de Janeiro – 2006. Disponível em <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/hisger01.htm> Acesso em novembro de 2012.

GRANÚZZIO, Patrícia Magri. **Entre visibilidades e invisibilidades: sentidos produzidos sobre as relações vividas na escola por homossexuais**. Universidade Metodista de Piracicaba Faculdade de Ciências Humanas Programa de Pós-graduação em Educação. PIRACICABA, SP, 2007.

HURLBUT, Jesse Lyman. **História da Igreja Cristã**. 14ª impressão, 2002. Acesso em: <http://pt.scribd.com/doc/21367661/Livro-historia-da-Igreja-Crista> Consulta em novembro de 2012.

GREEN, James N. “**Mais amor e mais tesão**”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. cadernos pagu (15) 2000: pp.271-295. Acesso em: [www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51350](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51350). Consulta em 16 de novembro de 2012.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. **Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 26. ed. São Paulo, Cortez [Lima, Peru]: CELETS, 2009.

LABURTHE-TOIRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. **Etnologia - Antropologia**. Tradução Anna Cavalcanti. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MATORY, J. Lorand. Feminismo, nacionalismo, e a luta pelo significado do adé no Candomblé: ou, como Edison Carneiro e Ruth Landes inverteram o curso da história. Revista de Antropologia v.51 n.1 São Paulo 2008. Acesso em [http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S003477012008000100004&script=sci\\_art\\_text](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S003477012008000100004&script=sci_art_text) consulta em dezembro de 2012.

MARCELINO, Sandra Regina de Souza. **QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS: A HOMOSSEXUALIDADE E OS NOVOS SUJEITOS COMO DESAFIOS PARA O SERVIÇO SOCIAL**. Fazendo Gênero. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010. [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1315765266\\_ARQUIVO\\_FAZENDOGNEROTEXTOFINAL.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1315765266_ARQUIVO_FAZENDOGNEROTEXTOFINAL.pdf).

MARINQUE CASTRO, Manuel. **Historia do serviço social na América latina**. Tradução de José Paulo Neto e Balkys Villalobos. 5. ed. Revista – São Paulo: Cortez, 2000.

MOTT, Luiz. **Antropologia, teoria da sexualidade e direitos humanos dos homossexuais**. 2007. A cesso em: [http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art03\\_mott.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art03_mott.pdf). Consulta em novembro de 2012.

MOREIRA FILHO, Francisco Carlos; MADRID, Daniela Martins. A homossexualidade e a sua história. ETIC. Vol. 4, No 4 (2008): IV ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E III ENCONTRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA Acesso em: <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1646/1569>. Consulta setembro de 2012.

MORO, Maristela Dal; MARQUES, Morena Gomes. **A RELAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE**. Temporalis, Brasília (DF), ano 11, n.21, p.13-47, jan./jun. 2011. Acesso em: [http://search.babylon.com/?q=moro+e+marques+2008&babsrc=NT\\_lcl&s=web&rlz=0&as=0&ac=0%2C139](http://search.babylon.com/?q=moro+e+marques+2008&babsrc=NT_lcl&s=web&rlz=0&as=0&ac=0%2C139) Consulta em novembro de 2012.

NATIVIDADE, Marcelo Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. Relig. soc. vol.30 no. 2 Rio de Janeiro 2010. Acesso em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872010000200006>, Consulta em novembro de 2012.

NETO, Luiz Mello de Almeida. **Família no Brasil dos anos 90: um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual**. Tese de doutorado apresentada a Universidade de Brasília Instituto de Ciências Humanas Departamento de Sociologia. 1999. Acesso em: <http://www.asselegis.org.br/familia.htm>. Consulta em agosto de 2012.

OLIVEIRA, Rosa Maria Rodrigues de. **Fronteiras invisíveis: gênero, questões identitárias e relações entre movimento homossexual e Estado no Brasil**. 2009. Acesso em: [http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v03n04art08\\_oliveira.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v03n04art08_oliveira.pdf) consulta 20 em de novembro de 2012.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa Social: métodos e técnicas. 3. ed. 8 reimp. São Paulo: Atlas, 2008.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Trad.: Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

SANCHES, Timóteo. S/D. Acesso em: <http://solascripturatt.org/VidaDosCrentes/VidaAmorosa/HomossexualismoAALuzBiblia-TSanches.htm>

SANTOS, Anna Claudia Lucas dos. **Comparativo da união estável e as relações homoafetivas como instituição familiar frente à Constituição Federal de 1988**. Acesso em: <http://nijuc.files.wordpress.com/2011/08/homoafetividade-direitos-dos-casais.pdf> Consulta em outubro de 2012.

SILVA, José Amilton da. O OLHAR DAS RELIGIÕES SOBRE A SEXUALIDADE. S/D Acesso em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/728-4.pdf>. Consulta em novembro de 2012.

SIMÕES NETO, José PEDRO. **Assistentes sociais e religião: um estudo Brasil/Inglaterra**.

São Paulo: Cortez, 2005.

TORRES, Marco Antônio. **Os Significados da Homossexualidade no Discurso Moral-religioso da Igreja Católica em Condições Históricas e Contextuais Específicas**. Revista de Estudos da Religião – REVER, ISSN 1677-1222. Pós-Graduação em Ciências da Religião - PUC-São Paulo. Acesso em: [http://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2006/t\\_torres.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/t_torres.htm) Consulta em

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. Manual da Homoafetividade. Da Possibilidade Jurídica do Casamento Civil, da União Estável e da Adoção por Casais Homoafetivos, 1ª Edição, São Paulo: Editora Método, 2008.

VELHO, Gilberto; ALVINO, Marcos (Orgs.). **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro: UFRG, 1996.

YAZBEK, Maria Carmelita. SISTEMAS DE PROTEÇÃO SOCIAL, INTERSETORIALIDADE E INTEGRAÇÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS. Janeiro 2010. Acesso em:

ZAMBRANO, Elizabeth. **“Nos também somos família”**: estudo sobre a parentalidade homossexual, travesti, transexual. Monografia Porto Alegre, IN: 2008. Acesso em: outubro de 2012.

ZAMBRANO, Elizabeth. 2006. Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais travestis e transexuais. Horiz. antropol. vol.12 no.26 Porto Alegre July/Dec. 2006 Acesso em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-71832006000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-71832006000200006&script=sci_arttext). consulta em agosto de 2012

# APENDICE



## ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADO AO LIDERES RELIGIOSOS

1. Em quais princípios se baseiam a doutrina da sua religião?
2. Qual a percepção dessa religião sobre a homossexualidade?
3. Como é discutida a questão da Homossexualidade nessa religião?
4. É possível um homossexual assumido fazer parte dessa doutrina religiosa? Quais as condições? Por quê?
5. Qual a determinação caso seja descobertos homossexuais entre representantes da sua instituição?